

**Q** Novo anno historico, ou No  
vo Diario portuguez. Noticia  
abreviada de pessoas grandes e cousas  
notaveis de Portugal.

Vol. IV

Primeira parte: cousas notaveis de Por-  
tugal. = (3: tomo) =

---

Escrito na cidade de Coimbra, pelo autor — nos  
anos de Christo de MDCCCVI e MDCCCXI —

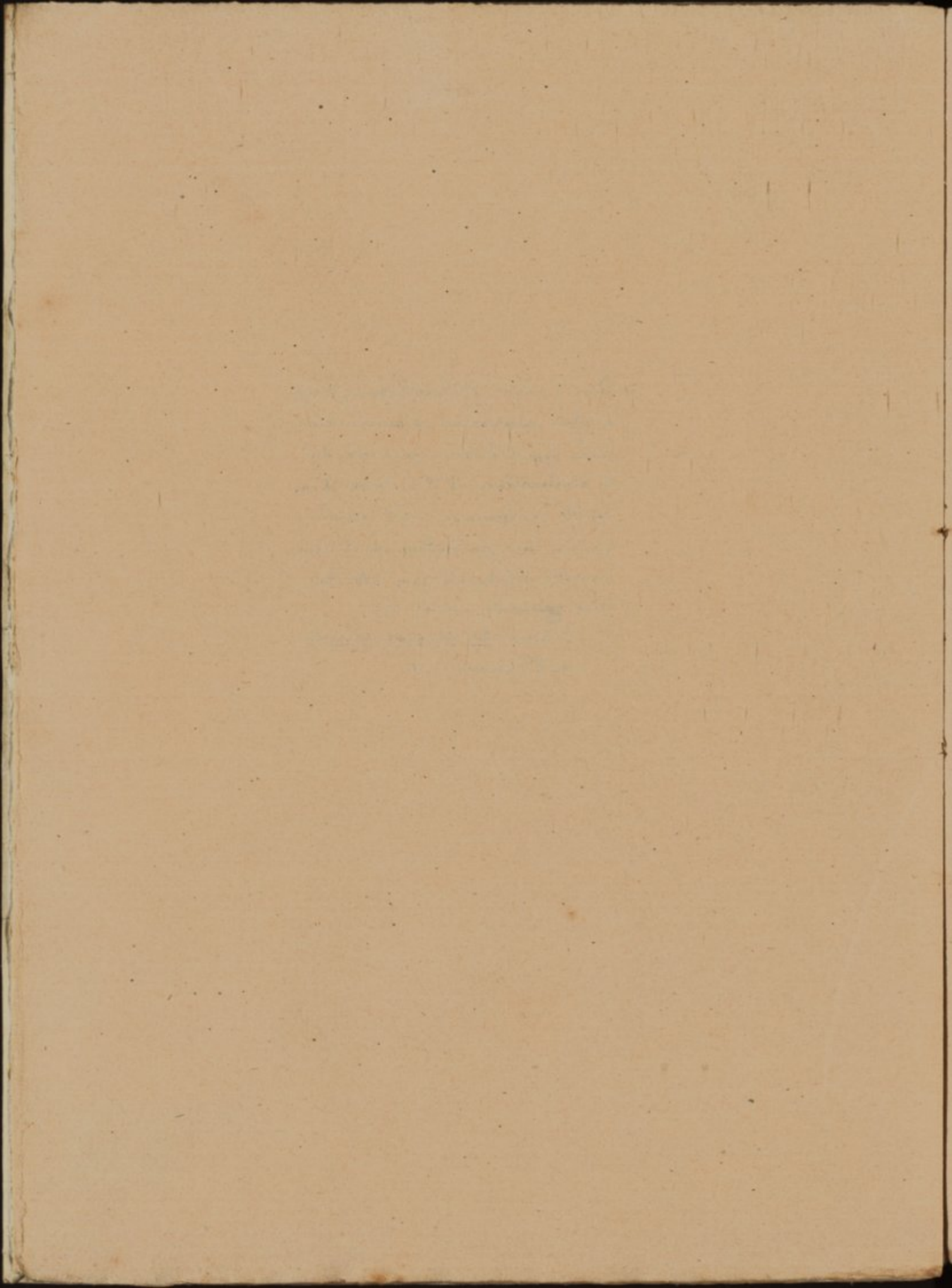
---





« Pour l'esprit philosophique, il n'y  
a plus vraiment d'autre his-  
toire que l'histoire générale de  
la civilisation, et l'histoire d'un  
peuple quelconque n'est jamais  
qu'un cas particulier de l'univer-  
selle solidarité que cette his-  
toire générale révèle. »

L. Cerna: Les devoirs naturels  
de l'homme. — 71

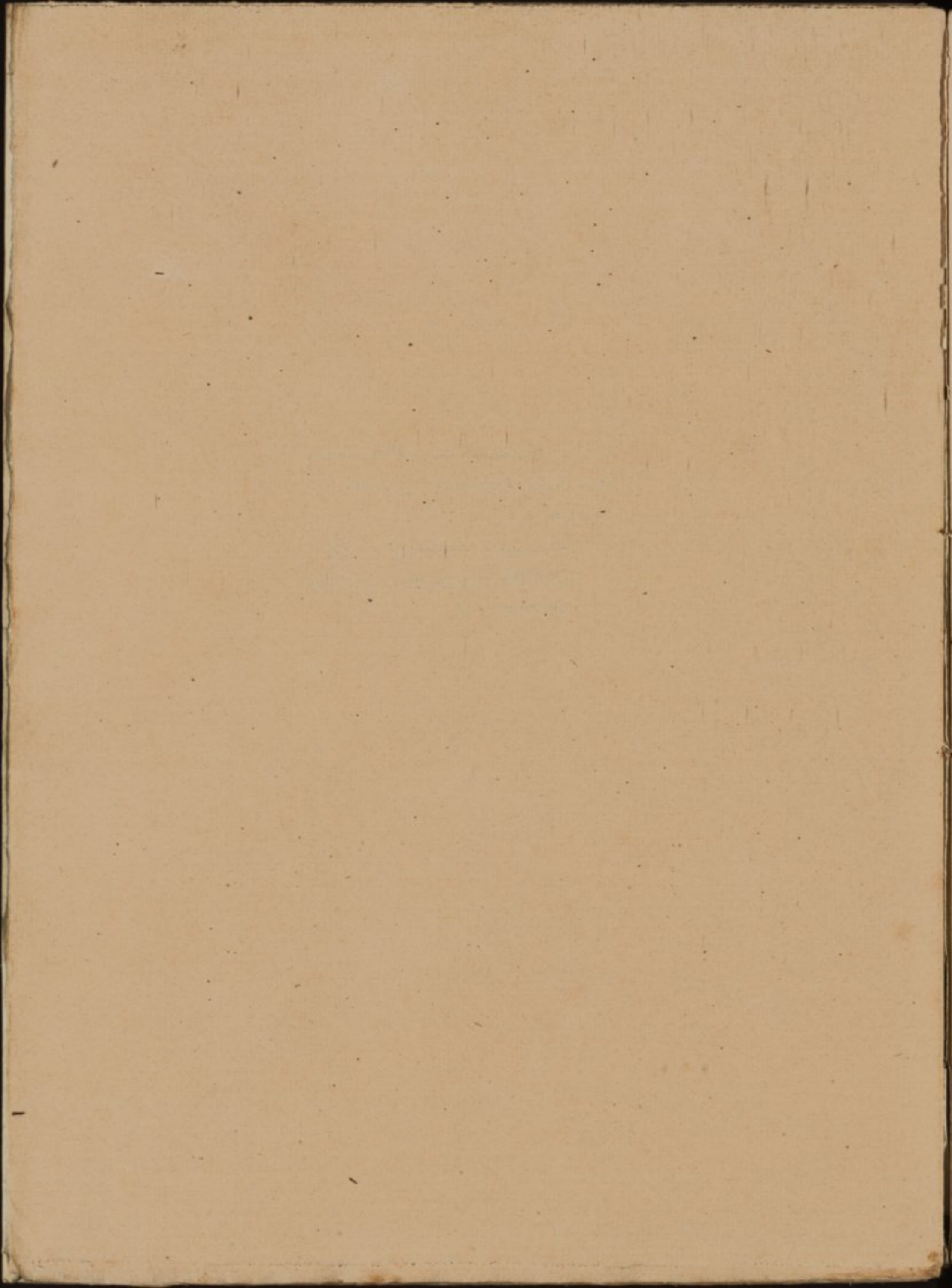




«... a História, em última análise, não algumas páginas de biologia.»

Manuel Laranjeira: D

"Cartilha Natural." e a Phy-  
siologia - 17



4 d'agosto de 1578 = Alcácer - Kibir

O rei D. Sebastião — diz Oliveira Man-  
sões no seu Historia de Portugal <sup>(1)</sup> — foi o  
Almirante alvares da ferdinand...

Quem collocou no throno a dynastia d'  
Alfons foi esse herico Bandestavel d'Aljubar-  
rota. Quem o lançou for terra, corroída com  
gloriammente, fôbre e velha, foi esse cavallei-  
ro portuguez que teve a infelicidade de su-  
bir a um throno e que ainda hoje se espe-  
ra for umos mania de nevocins...

Mullos foram hericos, sem duvida: a  
Historia dá-lhes a aureola dos heros, au-

<sup>(1)</sup> Vol. II, p. 52.

los valentes, amllos nobres e africos. E,  
 com a mesma heroicidade que a d'Alva-  
 res levantou o throno glorioso d'Alviz,  
 dois seculos depois esse «maravilha fatal»<sup>(1)</sup>  
 que foi D. Sebastião, o lançou por terra.

Por isso elle foi o d'Alva-  
 res da gerdi-  
 cão...

Tragás «sem experiencia nem medo»<sup>(2)</sup> co-  
 mo diz Fr. Bernardo de Cruz lançou-se  
 na aventura extraordinaria da conquista  
 de Marrocos. Salvando glórias e novos rei-  
 nos «para augmento da fequencia christanda-  
 de»<sup>(3)</sup> elle lá foi regultar nas areias d'Affri-  
 ca esse bello throno que Lerdau fêra de tem-  
 po, com um cavalheirismo anachronico,  
 restos de uma raça decahida q'elo corrup-  
 ção do ouro e dos brilhantes da Índia.

Havia razão para a guerra? era necessá-

<sup>(1)</sup> Lusiadas, I, VI.

<sup>(2)</sup> Chronica d'el-rey D. Sebastião, de Fr. Ber-  
 nardo de Cruz — pag. 46

<sup>(3)</sup> Lusiadas, I, VI

ria? Talvez; o que houve não havia era ordem, não havia uma cabeça que dirigisse. O rei era um leuco e o jesuíta machucava por detrás da cortina, prejudicando a occorria...

A viagem excitava os nervos do monarca; precisava de guerras, de combates, de dar largas ao seu temperamento doente e indomável. A esquadra de Affonso Henriques veio de Coimbra para o acampamento como um valimão; e os bons conselhos para elle, eram paudices, zarvoices.

Por isto tudo, a viagem d'Alfice foi um erro enorme; e na verdade a 25 de junho de 1578 lá foi, barra fora a armada do rei de Portugal levando dentro de si um curioso exercito, organizado sem paudices de methodo, composto de varias gentes, que não fodião, por modo algum dar força e unidade a uma campanha.

De portugueses levava 9.000 homens

4  
gente lisoula; iam mais: alenteões, ita-  
lianos, castelhanos e, como em Aljubarrota  
lá estava o terço dos aventureiros de  
Christouam de Tavora, « um esquadra de  
" gente perdida, de mauehos diversos e ge-  
" duitos temerarios e vaidosos »<sup>(1)</sup> a arre-  
dar a ala dos namorados!

Atto todo uns 24:000 homens que no  
dizer do chronicista foi « para jornada tão  
" congreida, um grande exercito. »<sup>(2)</sup>

E lá foi tudo isto, dentro das oitocentas  
milhas da armada, no meio de um luxo  
doído, d'uma orgia vertiginosa.

A victoria era uma coisa certa; o  
rei, apesar de todos os raticimios que lhe  
acarrethavam para que não fosse, ia doído  
de contente: « tudo aquillo era obra sua! »<sup>(3)</sup>

<sup>(1)</sup> O. Martins: Historia de Portugal - II, p. 60

<sup>(2)</sup> O. Martins: Historia de Portugal - II, p. 61

<sup>(3)</sup> Fr. Bernardo de Cruz: Chronica d'El-rey  
D. Sebastião - cap. 65

<sup>(4)</sup> O. Martins: Historia de Portugal - II, p. 64

Diz-se que levava já a corôa real para a collocar no cabeça de algum da derrota de Marrocos...<sup>(1)</sup>

E assim que chegou quiz intervir-se pelo saiz, ir ao coração da barberia, atacar o muuro, olerigal-o e entregar-se. Desprezou todos os bons conselhos, todos os esforços que fizeram para tal se não fazer mas a temeridade cegava-o e marchou com todo o exercito para o interior.

Na glaucia de Alacén - Kibir succederam-se os exercitos a 4 de agosto e ali se feriu um batalho que foi a mais desgraçada batalha em que entrou gente portuguesa.

O rei, no meio dos seus fidalgos, como um heroe, via ainda a victoria a chaval-o mas o muuro, maior em numero e organizado, abafou os seus generosos impetos

<sup>(1)</sup> Veja-se Jeronymo de Mendonça: Jornada d'Alfrica - cap. II

em sangue derramado pela extensa glaucie.

A batalha foi cruenta; os nossos, no começo victoriosos pelo impeto do ataque em breve se viram envolvidos pela multidão enorme dos inimigos. O valor, a bravura, a heroicidade nada puderam contra o numero e a fôrça e fôrça foram caindo do lado sempre os invencíveis herões de Aljubarrota, de Din, de esvolda com o só da extensa e arida glaucie.

Na confusão geral, contendo, um grupo de cavalleiros se não rendia: era o rei com os seus mais valentes portuguezes cercado por enorme multidão de mussulmanos.

As esgaldas voavam por sobre as cabeças dos meusos, num delirio: o moço rei, firme sempre, pousando talvez ainda com a derrada corôa de Manoscos, não se rendia apesar de todos lh'o perseguirem. E foi fim, sendo pelo sangue perdido a



batalla, chamou por Luis de Brito:

— Trazeis o estandarte? <sup>#</sup>

E como o visse, ainda tremulando  
ao vento, meu desejo de victoria, disse:

— Pois abraçae-vos com elle e merra-  
mos sobre elle... <sup>(1)</sup>

Mas em volta iam cahindo. Todos, cho-  
rando, lhe pediam que se entregasse, que  
não havia outro remedio... mas elle,  
com uma tenaz obstinação, distribuindo  
do golpes, dizia que o remedio era morrer.  
E acrescentava convinto, para Christo-  
nam de Favero, que chorava, pedindo.

De que farei daro á sua leucura:

— Morrer, sim! mas devagar!...

E desappareceu d'envolta com o tumulto  
das d'inimigos e da guerra da terra.

Da almas folgular ficou para sempre  
gravada a parte triste do monarca. Mor-  
reu com elle a febre e por isso, esfe-

<sup>(1)</sup> Fr. Bernardo de Brito: Chronica d'El-

raudo sempre um messias, o povo espe-  
rava o globe rei, d'envolta com a neve  
d'uma manhã formosa, escaudido, enco-  
berto para dar flicidade ao Portugal que  
elle fôra enterrar nas terras d'África.

==

[28-VII-904]

rey D. Sebastião - cap. 68

Bibliographia: Fr. Bernardo de Cruz:  
Chronica d'El-rey D. Sebastião - Jeronymo  
de Mendonça: A Jornada d'África - Oliv.  
Martins: Historia de Portugal, II, liv.<sup>o</sup> V, cap.  
III - Rebelo da Silva: Historia de Portugal,  
Volume I - Pimenta Blazes: Historia de Portu-  
gal, IV, cap. 23 - Edmundo d'Almeida: Mas-  
rocos, p. 139 {trad.<sup>ão</sup> de P. Blazes}

## II

8 de novembro de 1401 = A Casa de  
Bragança. -

No dia 8 de novembro de 1401, celebrou-se em Lisboa um casamento que foi a origem d'uma casa notavel em Portugal, a casa de Bragança.

O Mestre d'Ariz fizeo casar um seu filho bastardo, o conde de Barcellos, com a filha legitima de Dom'Alvares. As bodas foram feitas « mui honradamente » diz o grave Fernão Lopes<sup>(1)</sup> e á corte accorreu toda a gentry notaveis do reino, homens justos e torneios, « games de mestradas e outros jogos<sup>(2)</sup> » a que não faltou

<sup>(1)</sup> Cronica de D. João I - 2.<sup>o</sup> parte, cap. 206

<sup>(2)</sup> Idem - 2.<sup>o</sup> parte, cap. 206

a alegria do Mestre e a caudada satisfação do Condestavel.

O conde de Barcellos era filho de Lpez Pires — o quem o Sr. D. Thomaz de Vianna, por delicadeza fidalga concedeu um dote<sup>(1)</sup> — uma rapariga de Veiros, filha d'um pagateiro que ficou conhecido na historia pelo nome de Barbadao.

O fallecido Bispo Leal chamou ao pobreredito pagateiro « judeu <sup>(2)</sup> camarro » e acrescenta, talvez irronicamente — e que nós transcrevemos com vista ao Sr. Mathieu Nias — a seguinte phrase profundamente democratica: « é deste pagateiro judeu que procedem muitas casas reais da Europa e grande numero das principaes casas titulares de Portugal. »<sup>(3)</sup>

<sup>(1)</sup> A casa de Bragança — § 7.

<sup>(2)</sup> Portugal antigo e moderno, I, § 485

<sup>(3)</sup> Ibidem — I, 485 — O Sr. Teisreira de Barcellos, mais brande, diz: «... Lpez Pires fille d'un honnête bourgeois de la vil-»

Logo quanto ao noivo. A noiva, D. Brítez Pereira, era filha do Condestavel — a quem o juriscavulto Silva Ferraz chamou «o Sciglião Lusitano»<sup>(1)</sup> e de sua mulher D. Leonor d'Alvim.

Se o noivo tinha um avô, sagoteiro judeu, a noiva tinha um avô padre; sangue de padre e sangue judeu foram a base de uma illustre familia ou o «treuco» como dizem as historias d'instrucção primaria.

O que é verdade é que o Condestavel foi «cumto lido»<sup>(2)</sup> com a ideia do casamento; o rei deu largo dote, e um'alvares foi tambem um mãos-nôtas<sup>(3)</sup> e a festa fez-se, como disse o autor do Condestavel «com

le. de «Veinos...» [Les Cantem Jorains, ff 562]

(1) Tratado sobre direitos e encargos de Sarcinis sive Casa de Braganca — d'edictoria.

(2) Tratado sobre direitos e encargos de Sarcinis sive Casa de Braganca — d'edictoria.

(3) Tratado sobre direitos e encargos de Sarcinis sive Casa de Braganca — d'edictoria.

" real sangue e igual contentamento » <sup>(1)</sup>

Desde esse dia se pôde contar o começo da casa illustre: cruzamento do sangue nobre do Mestre d'Alviz com o sangue heroico de Alui' alvares. Não foi, porém, da mulher a espécie, o cruzamento.

" « A inferioridade injusta pela bastardia, diz Oliveira Martins, azeitou o caracter do conde de Barcellos, acendeu-lhe a ambição e como a todos os bastardos lançou-lhe na alma a penitente de inveja e despeito. O bastardo de D. João I, insaciavel, ansioso por vingar com o poder e com a riqueza a inferioridade de sua origem, ferante inuções mais nobres a todos os despeitos, conseguiu fender: subir, vando como falcao, e insinuar-se rojando como serpente. » <sup>(2)</sup>

At base era má, sem duvida alguma; o conde de Barcellos na sua descendencia, só

<sup>(1)</sup> Rodrigues Lobo: O Bandestabe de Portugal  
D. Aluathares Pereira - auto XX, p. 451

<sup>(2)</sup> Os Filhos de D. João I - I, p. 5-6

teve gente egoísta, má, ambiciosa, manhosa  
e quantas vezes covarde!

O paiz de Almalvaes gerden-se logo  
na sua propria filha...

Passado um anno, em 1402, nasceu o pri-  
meiro filho<sup>(1)</sup>; no anno seguinte, o segundo<sup>(2)</sup>,  
e em 1449, nesse periodo agitado d'intrigas  
— em que o caracter baixo do conde de  
Barcellos se mostrou a mi — que termi-  
nou a guerra de Alfaroqueira, D. Af-  
onso recebeu o ducado de Bragança, que  
transmittiria aos seus successores ininter-  
ruptamente como a triste herança d'um  
baixo ambicioso.

O segundo duque foi D. Fernando, a quem  
chamaremos uma nullidade, para não lem-  
brar as intrigas contra seu tio, o noble du-  
que D. Pedro.

<sup>(1)</sup> Foi D. Afonso, conde d'Aurem, que morreu  
em 1460

<sup>(2)</sup> Foi D. Fernando, conde d'Alfayellos, e que  
succeheu no ducado de Bragança.

O terceiro, tambem D. Fernando, consi-  
 ram contra D. João II, foi anilhado em for-  
 mado, zelo que foi decapitado publicamente  
 em Evora.

O quarto, D. Jayme<sup>(1)</sup>, um desequilibrado,  
 era aquelle a quem Camillo chama «uma  
 "devota besta-jêta."<sup>(2)</sup> Matou a esposa, um dia  
 com cirrues<sup>(3)</sup> e genitriciou-se tornando  
 barchos e fazendo guerra em mancos zelo  
 que foi proclamado heroe zelo zelo artista  
 João X.

O quinto, o sexto e assim for deante,  
 são uns successos de fidalgos cujo luxo e or-  
 tentação humilhava com a casa real<sup>(4)</sup>, mas  
 cujo character era uma causa dubia, tarduosa,

<sup>(1)</sup> Nasceu em 1479.

<sup>(2)</sup> Cartas em ruínas: II - Trados, urro e um  
duque de Bragança - p. 25

<sup>(3)</sup> Ver a data de 2 de novembro, Um duque  
de Bragança, vol II, p.

<sup>(4)</sup> Ver D. Thomaz de Siqueira: O caso de Bra-  
gança, cap. II e III; O Pantheon, V; O Archivo  
Pitaresco, IV.



que se mostrou bem no oitavo duque, D. João, que á força, foi feito rei de Portugal. (1)

Desde for deante, os duques de Bragança tem sido monarchas portuguezes: mistura de caracteres diferentes, todos elles, mas nos quaes « é força recantarem que não vieram e rememore da nobre raça de Almuálvares; viu-se em todos elles a descendencia do crasso sangue alentejano da filha do Barbado. » (2)

O sangue do herde e do ponto, o sangue do vencedor d'Aljubarrota, não teve descendencia...

Por isso o Sr. Guerra Junqueiro, no seu

(1) Ver neste Novo annuo Historico, o volume dos reis. (1.º cap.º)

(2) Oliveira Martins: Historia de Portugal, II, ff 262. — No altura em que este artigo foi escrito, sobre o livro do Sr. Basilio Vellos: Do ultimatum ao 31 de janeiro; e ff 227 do notavel volume bem o seguinte, a proposito ~~que~~ do que tem sido a casa de Bragança, como casa reinante: « A familia a quem tinhamos em

descolhido joia Patria que no ingenua  
bocca do meu'ahuas as seguintes pala-  
uras :

« Tudo notei sem zera e bem acincha  
A' cruz do Redemptor e á cruz da esgada  
Ho meu Deus verdadeiro e á gloria minha,

Jurando guardar sempre e bem guardada  
Uia alua zera em natureza zera  
Qual em ambula d'ouso hostia sagrada.

Ai de mim! ai de mim! faltei á zera!  
Ai de mim! ai de mim! fague uma zera  
Logo de não queimou, lingua zezera? »

Se a sua descendencia foi assim, fague  
não meonem elle, novo, zera, como tí-  
ntam pido os seus desejos?

" fado a nossa parte, tão radicalmente existia  
" e mediocre que nem um só grinceza illustre  
" ou sequer dotado d'algum talento, e patriotis-  
" mo, conseguio dar a Portugal — esse redusio  
" e sua actividade de dois seculos e meio, a go-  
" sar o fendo que recebem gratuitamente e a  
" cumpria com zedacos do nosso ingenio ultra-  
" marino os favores Lygoticos do nosso notha

Por isso a sua ergada gloriosa que ficou abra-  
vez da historia como um symbolo, aquella  
ergada acerca da qual o alfageme da benta,  
disse :

« Etil-o, pechar, vora ergada !  
.....  
Quando me invade a bacia  
Logo é grimeira gancada, (1)  
Fuzilou que era uma estrella ! »

essa ergada, diziamos, não teve quem a le-  
vantasse, deixis que o seu cargo se amarta.  
hou para sempre nemis ella do seu conven-  
to do barneo ; essa ergada que rutilou em  
Aljubanoto, que ainda assistiu a benta, é  
logo uma curiosidade que se mostra : um  
ferro de huez enferrujado, carcomido...

Essa ergada, heranca heroica e gloriosa

" amigo e alliado. Não era pois para admirar  
que a moçad fosse cahindo gradualmente... »

(1) Bulhaô Pato : O Alfageme - no num: 1  
do Revista litteraria, scientifica e artistica, do  
Seculo.

que logo o primeiro Duque de Bragança  
transformou num feroz assassino, e que  
os outros, ao passo que o tempo passava  
iam esquecendo por que nem para lhe dar  
aquella afflicção elles tinham força e cora-  
gem, ferden-se de todo para Portugal.

O Condestavel, num assaio de heroica e  
ingenua indignação anemessou-a á noite  
escura :

« Cavalleiros esgoda retumbante!  
Se nesse todo amargo um braço existe  
De profeta e de heroe que se levante! »<sup>(1)</sup>

A esgoda desaffareceu no abysmo do mo-  
te... Quem a levantou?

Ninguém!

Ninguém goza com elle; cahiu no todo  
vil e lá ficou sem que uma mão caridosa  
de valente, sem que alguém dos netos do he-  
roe, fosse capaz de « tirar, gol-a á luz do sol

<sup>(1)</sup> G. Junqueira: Patria - p. 166

a brilha, a brilha, heroica, gloriosa e forte!  
Ninguém!

... zorra se alguém o tivesse achado, já  
os jornais de grande circulação mol-o de-  
riam cantado com todos os zorrucos e to-  
das as misérias...

==

{31-X-25}

Bibliographia: Ferrão Lopes: Chronica de D.  
João I, 2º parte, pag. 204 — D. Thomaz de Ville-  
ma: A casa de Bragança — Teixeira de Vascon-  
cellos: Os Benturgarinos, 2º parte, pag. V —  
Silva Ferrão: Tratado sobre direitos e encargos  
da serenissima casa de Bragança — Pinho  
Leal: Portugal antigo e moderno, I, p. 85  
— Oliveira Martins: Os filhos de D. João I,  
pag. I — Rodrigues Lobo: O Condado de San-  
tugal de D. Nuno Álvares Pereira, Joazeiro, anno  
XX. —

16 de novembro de 1573 = Uma fac-  
ta d'outros tempos.

Um curioso do século XVI deixou-nos  
escrito, com o mais laudável intuito, a  
Historia de tres cercos de Malaca em tempos  
do governador Antonio Maniz Barretto, n'  
um volume raro decerto, que se tem trans-  
crito num Archivo Bibliographico.<sup>(1)</sup>

Jorge de Lemos, o seu auctor,<sup>(2)</sup> não quer  
do que se esquecessem essas memoraveis  
cercos e maravilhas daes que transcendem

<sup>(1)</sup> Coimbra, 1877. [Imprensa da Universidade]

<sup>(2)</sup> O livro tem o seguinte nome: Historia  
dos Cercos, que em tempo de Antonio Maniz  
Barretto, Governador que foi dos Estados da In-  
dia, os Acheus e Jão, fizeram a fortaleza  
de Malaca, sendo Tristan Var de Veiga Capi-

21

" e sobrepujaram a aguidia dos homens »<sup>(1)</sup> re-  
soluam descrevel-os logo que, os homens que  
logo o futuro quisessem historial-os melhor,  
« com mais facilidade os fodessem trans-  
formar... »<sup>(2)</sup>

Com esta concessão de rudes escriptas, con-  
cessão magnanimas, vamos referir-nos a  
uma facanha que na obra vem descrita en-  
tre muitas outras.

El 15 de novembro de 1573, Tristão da Veiga,  
capitão-mór de Malacca, gardia da cidade  
com um insignificanté frota, com o fim  
de procurar a armada do Achem, desajal-a  
e um canhoto e destruil-a.

A presagia de Tristão da Veiga ao largar a  
cidade cercada, não se acuretava sobre coi-  
sa; ia procurar a foderosa armada, inimiga  
destruil-o de vez, logo que não fodesse vir

lão d'ella — brevemente canhoto do San Jorge  
de Leemos — .....

<sup>(1)</sup> Historia cit.<sup>o</sup> — dedicataris

<sup>(2)</sup> Historia cit.<sup>o</sup> — dedicataris.

junta-se com as forças nítidas e tornar muito feio o estado em que já estava essa campanha da gloriosa d'Albuquerque.

Dentro da cidade, o cerco estava agitado, «o mais agitado e trabalhoso que podia ser.»<sup>(1)</sup> Deus, segundo o cronista citado, castigava assim os habitantes, o fogo de fúria «gela a continuação de fúrias que cada dia convertia principalmente gela de insaciavel e acosa cônica e de cega e desenfreada sensualidade.»<sup>(2)</sup>

Tristão da Veiga, feroz, mais gráfico, parece imaginar naturalmente que o cerco fosse castigo de Deus ou de Diabo, viu bem a situação e avaliou quanto utilidade teria a destruição da grande armada inimiga que estorvava todo e qualquer movimento por mar e cordava as comunicações com a Índia.

Temerário sem dúvida, mas essencialmente gráfico, lançou-se á facanha, couseio

<sup>(1)</sup> Historia cit.<sup>o</sup> - 1.<sup>o</sup> Parte, cap. V

<sup>(2)</sup> Historia cit.<sup>o</sup> - 1.<sup>o</sup> Parte, cap. VI



da victoria. « As obras devem ser acabadas,  
 " ou o melhor é não se metter a gente n'el-  
 " las » disse tres seculos depois Camillo Cas-  
 " tello Branco <sup>(1)</sup>, o que de certo passou pela men-  
 " te do avarado capitão-mór de Malacca, e nesta  
 " resolução mandou desfraldar as velas á sua  
 " proa: uma náu, um galeãozinho, tres ga-  
 " leotas velhas e cinco justas, quasi todas desa-  
 " garruchadas e de fôrças e velhas, mal maninha-  
 " das e peor garruchadas! » <sup>(2)</sup>

« Não leveis em cada embarcação mais de  
 " tres arrobas de pólvora e no guarda, além  
 " dos trescentos soldados já como « clusmas  
 " de escravos que os moradores dão esse effei-  
 " to empregaram. » <sup>(3)</sup>

Mas, lá foi. A sua esquadrilla, ao menos,  
 " apezar de ter estado varada em terra, como  
 " inutil, garruchas causa decente, fodia — tal  
 " como hoje! — e como diz o citado chronicis-

<sup>(1)</sup> Anua de yndia

<sup>(2)</sup> Historia cit. — 1.º tomo, cap. VI

<sup>(3)</sup> Historia cit. — 1.º tomo, cap. VI.

ta, « iungão de boas »<sup>(1)</sup> e la seguinte « qual velha  
" casquilha »<sup>(2)</sup> mas em fôrça, meua grossa e  
adrenida e arrogante.<sup>(3)</sup>

No dia seguinte, dia 16 de novembro,  
á barra do rio Toronoso, a ridicula esqua-  
drilha portugueza viu, ao longe, a poderosa  
armada inimiga.

Fugio em fôrça de tão poderoso com-  
gredidor?

Não. Tristão da Veiga mandou que os  
seus navios se collocassem em linha; pel-  
tam fora uma galeota e dirigindo tudo, ex-  
hortou os seus homens, lembrou-lhes os  
seus deveres e « alvoroçou-os com o gro-

<sup>(1)</sup> Bettetourt: Descubrimientos, guerras e con-  
quistas dos portuguezes, etc — p. 365

<sup>(2)</sup> Bettetourt: Descubrimientos — p. 365

<sup>(3)</sup> «... Todas as em barcações que, por quasi  
" iudais se achavam varadas em terra, foram  
" logo esgicadas, queimadas ou esgalvadas, ja-  
" ra ao menos poderam iungão de boas. Esta es-  
" quadro . . . . . sahio ghorramente de Malaca  
" qual velha casquilha, com as suas poucas vel-

"verbis muito trilhado entre elles que aos su-  
"rados favoreciam e ajudavam prodigamente  
"os fados."<sup>(1)</sup>

E valendo-se do vento, lançou-se á ar-  
mada contraria!

A artilheria começou; trovejou d'um e  
d'outro lado, levantando nuvens de fumo;  
as duas armadas estavam envoltas numa  
grande fumaceira. Só os flebeiros e as ba-  
las se viam atravessar, zumbindo, for entre a  
mistração dos navios.

Então, deu-se o que o capitão-mór tinha  
ordenado: a artilheria dos portuguezes calou-  
se e enquanto a dos inimigos trovejava é  
doída, sem ver, com o fumo, para onde adi-  
rar, os honores de Tristão Vaz foram afer-  
rando as suas embarcações ás náus do cel-

"las enfumadas e os seus faveiros ferrados...  
"... A ansadia já era para admirar." [Emilia  
do Bettencourt: Descobrimientos, guerras e  
conquistas etc, - p. 345]

<sup>(1)</sup> Historia do cerco cit.<sup>o</sup> - 1.<sup>o</sup> parte, cap. VIII.

bre Atchem e assaltaram-nos, já que não  
tínhamos gólvora para mais tiros.

Disto consistiu o regado da victoria. Foi  
um artil usado mas portira o efeito de  
rejado.

Fernão Peres d'Albuquerque — insigne nos  
feitos da Índia <sup>(1)</sup> — aterra com o seu segue-  
mo navio de trinta e tres homens uma galé  
e a metter no fundo; Fernão de Lemos, n'  
uma das galés arremessou-a com tanta for-  
ça e os homens tiveram tal pressa no as-  
pello que se virou e tudo cahiu á agua, au-  
de mesmo assim combatteram e mataram  
muitos inimigos; Francisco de Lima, com  
uma galéota abordenou uma galé, matou a  
guarnição e lançou-lhe fogo; Tristão Vaz

(1)  
«... Fernão Peres d'Albuquerque o quejacom-  
" ganhar . . . . . depois de satisfeito e rico (con-  
" ra que obriga a muitos recusar o trabalho,  
" para evitar o enfadamento e fastio que a  
" guerra traz consigo com grandes represen-  
" tações da morte . . . » [Historia cit.º, 1.º parte, X]

foi direito á gale' capitaina do inimigo  
 «tão descomulgada de grande que foi ma-  
 " rinha poder-se desbaratar com duzentos ho-  
 " meus de galeja que nelle havia;»<sup>(1)</sup> João de  
 Torres, Manuel Ferreira, Manuel Henri-  
 ques, e outros com os seus navios velhos, fi-  
 zeram tão prodigios de valor que a armada  
 do Acheu ficou destróçada no meio do  
 seu formidavel disparar d'artilleria e dos  
 rolos interiores de fumo que o vento, como  
 estava brando, não levantava immedia-  
 tamente.

Vencera ainda uma vez a velha grossa  
 portuguesa, que, arrojante dentro d'uns ve-  
 lhos e muitos navios desafiara suradamente  
 de uma poderosa esquadra.

Vencida, pois, o capitão-mor Tristão Vaz  
 de Veiga fez-sei os tres dias do estylo, no  
campo, passados os quaes, alternamente,  
 «mandou voltar as bandeiras para ma-

<sup>(1)</sup> Historia cit.<sup>a</sup> - 1.<sup>o</sup> tomo, cap. X.

"laca, com muitos sinais de alegria" <sup>(1)</sup> e en-  
de entrou em triumpho glorioso.

"«Dande se go'de bem cocheir — diz o  
"drumista — que no espirito vehemente, co-  
"mo diz o Galunista, venceu Tristão Vaz a ar-  
"mada de Hecem e não no poder humano —  
"com que zelajau...»" <sup>(2)</sup>

==

{8-XI-905}

<sup>(1)</sup> Historia cit.<sup>o</sup> — 1.<sup>o</sup> parte, cap. IX.

<sup>(2)</sup> Historia cit.<sup>o</sup> — 1.<sup>o</sup> parte, cap. IX.

Bibliographia: Historia dos cercos que em  
tempo de D. Duarte Mascis Barreto, Governador  
que foi dos Estados de India, os Mchans e Jão Ju  
zeram e fortalezas de Malaca, sendo Tristão Vaz  
de Veiga Capitão d'ella — brevemente composta  
por Jorge de Lemos — ... — Em Lisboa, anno  
de 1585 [no Archivo Bibliographico, Coimbra,  
1877] — Emiliano de Bettercourt: Descr-  
rições, guerras e conquistas dos Portugue-  
ses em terras do ultramar, nos seculos XV e  
XVI [edição lithographada, no centenario do ba-  
nho], liv.<sup>o</sup> II, cap. 25.

## IV

30 de novembro de 1807 = Entrada  
de Junot em Lisboa.

Por occasião da última visita do frei-  
rente Lambert a Lisboa, o britânico jornalista  
João Blagos comemorando esta entrada do re-  
presentante de França, com a entrada d'um  
outro — Junot — de França de Bonaparte,  
disse: «o Sr. Lambert encontrou as ruas do  
" seu gercuro deias de gente; Junot também  
" as encontrou aginhadas. Ao Sr. Lambert a  
" multidão d'hoje atirou flores. Aos soldados  
" de Bonaparte, a multidão de 1807 — gome-  
" nos vocante! — atirou gás!»<sup>(1)</sup>

Esta phrase «atirou gás!» e' sem devi-

<sup>(1)</sup> França! — artigo no Parodie, de 27 d'octu-  
bro de 1805.

da alguma a phrase que melhor pôde exprimir a recepção do general Francey; não fosse que se lhes lançasse — a esse exercito glorioso de dezenas de batallas — das janelas e das portas o grito como quem o adira a um meu dize que fosse; mas porque, de facto, os soldados ao entrarem pelas portas do cidade, — como já tivemos occasião de dizer — «*unum agnum d'algem. canica*»<sup>(1)</sup>, aquillo de que mais necessitavam era gão e um agascho, o que o João Portuguez, sempre bom, faciente mesmo fora com os inimigos, lhes deu immediatamente, como quem consola um esfaameado que fosse pelo grito.

«*Il multitudine de 1807, diron gão!*» phrase que bem exprime simplesmente a fome dos vencedores e a tradicional bondade e generosidade dos vencidos.

Não havia duvidas: fumeo ainda coberto

<sup>(1)</sup> Neste Novo Thesouro Historico, vol. II, p. 18, off Legião Portuguesa.



de gloria; o seu exercito vinda com voses victoriosos, mas para conseguir a marcha de Albrantes para Lisboa, pediu ao Portuguezes sahidos para ajudar, e não para correr!

A 2o de madrugada — 3o de novembro de 1807, deixei de uma marcha aventureira através da Hespanha — Junot pediu de Sacavenem com a gente que ainda reunira.

Luvia; os caminhos estavam enlameados; as ribeiras transbordavam; os rios inundavam os campos e o vento castigava fortemente com successivas batidas d'agua, quem se aventurasse fora de casa.

Travessia de Portugal, de Castello-Branco a Albrantes, de Albrantes a Sacavenem, o brilhante exercito da Gironda, como um formidavel exército de gigantes, amastava-se miseravelmente; aqui e ali, morto, cheio de fome, um ou outro soldado francez caia para não mais se levantar sobre um lambeçal de estrada; ao lado jaziam os seus camaradas, arrimados-se ás espinheiras como a um bordado;

imgrorissavam-se grandes fôrças sobre cada  
 torrente desses « medanos desfiladeiros da  
 Beira » <sup>(1)</sup> como diz um escriptor francez; a  
 folhura ia estragada quasi completamente  
 pela agua; as arvores não funcionavam; e  
 pelas aldeias, pelos povoados, como lobos es-  
 faimados, rotos, ruijos, com a barba crescida  
 a dar-lhes o aspecto máo do saltador, os pol-  
 dados gloriosos de Napoleão, bebendo com as  
 canetas nas mãos, arrastando-as ás  
 bayonetadas, gritavam

— Pão! Pão!

Os lobes belicistas, transidos de peste, de  
 venenoso gás, carne, vinho. Entravam; o ex-  
 ercito reuniam-os, o gás fardalecia-os com  
 fardo e o vinho, em breve, no seu eterno  
 gel pulvia-lhes a cabeça e em pouco tempo es-  
 ses valentes que antes fediaem gás, cahiam

(1) «... les effrayantables gorges du Beira...»  
 diz Tissot na obra Precis au histoire abrégée,  
des guerres de la révolution [p. 50]. Sempre o  
 exagero e a pouca veracidade historica!

para o lado, belhedos<sup>(1)</sup>. Deleis, anastando-se  
cambaleando, lá seguia a estrada com  
os pés mettidos zelos lambeas, voltando  
phases soltas de soldadesca que para o nosso  
quidar tiravam a vantagem de per ditos em  
francy...

Mais atrey, com esforços inauditos, a des-  
fazer-se, seguia a carriagem, a enorme serie  
de carros de munições, de vivares, de bagagem  
cabiendo zelas ribanceiras, ficando abandona-  
dos nos lodacões.

Mas, não ingentave! Junot sentava com  
o bastão de marechal<sup>(2)</sup> e havia de entrar po-  
lennemente em Lisboa.

Quem sabe? A Base de Bragança deixá-

<sup>(1)</sup> Ver Camargo Junior: A Villa de Polico - 1º Jan-  
te, cap. VIII.

<sup>(2)</sup> «... gerando no qual (bastão de mare-  
chal) fizera toda a sua marcha aventureira des-  
de a gente do Bidasoa até ás campeginas alaga-  
das do Tejo. Marrao peem elle.» {Fernandes  
Costa: Memorias de um ajudante de campo,  
I vol<sup>o</sup>, p 96 }

ra de reinar seguindo um decreto de Napoleão<sup>(1)</sup> e talvez que a coroa portuguesa não ficasse mal na sua cabeça de antigo soldado valeroso e inquieto...

O mundo dá tanta volta!... Que diabo! É convencido d'aquillo que em portuguez se exprime pelo adagio « morra o homem, fique a fama » fust vestido espectacularmente de coronel-general d'Lusar, imponente, agrumado com todo o garbo, montou a cavallo e pegou estrada fôr.

Para onde ia?

A estrada, se o não tinham encerrado, levava-o a Lisboa, de certo; mas o que é que aconteceria no caminho, á estrada, lá dentro mesmo da cidade cujo tamanho de tíntam exagerado?<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup> Esta decisão de Napoleão veio inserta no n.º 11 do Moniteur, de 13 de novembro de 1807. [V. G. Cesar: Breve estudo sobre a invasão franco-espanhola de 1807, cap. IV.]

<sup>(2)</sup> «... une population de trois cents, mil.

Tosse como fosse! Adiante!

Continuava a chuva; o cavallo escarvando no chão palficava mais os restos andrajosos das golainas dos granadeiros da sua guarda-avancada. À esquerda o Tejo, arrastando uma corrente caudalosa, barrenta; à direita, os campos, collinas e terras, desertas, agrestes, sem viva alma. Havia uns mil e tantos homens que grande reunir a custo, entre os mais valentes ou os que mais resistiram à marcha; e adiante, a vaga espectral de gloria, de fortuna, d'uma corôa real...

De repente, zozem, zozem, zozem, na dobra d'um caminho, um zelotão de cavalleiros portugueses. Trinta, não mais...<sup>(1)</sup>

Justo viu bem: se esses trinta portuguezes

"quatre mille hommes... » [Tissot: Précis en histoire abrégée... p 502] « Elle exagérait la population de la ville que regardait par de 350: mil hommes... » [Memorias d'um ajudante de campo, I, p 94]

<sup>(1)</sup> Este caso vem contado nas memorias

nes mettessem esgoras aos cavallos e, de  
 esgoda em junho, carregassem sobre os seus,  
 a brilhante guarda avançada do exercito  
 da Gironda, seria immediatamente destro-  
 çada, derrotada e elle, o futuro marechal,  
 o futuro rei, preso, levado com escarneo á  
 fogueira revoltada d'uma grande cidade.  
 Não havia duvida: os trinta... chegavam!

Junho chegou, não hesdou tempo para  
 pensar; correu para elles, juntou-os á sua  
 escolta e mandou que lhe permissam de  
 ir para Lisboa!

E assim foi...

Lisboa era já adiante; e dentro d'algum  
 tempo — seriam oito horas de manhã — o  
 general francez, sempre adornado no seu  
 bello gorro marcial, comendo o brilhante  
 uniforme um pouco amarrado pela chu-  
 va, recebeu os cumprimentos do conde de  
 Noronha, seu comandante da policia, com

d'um ajudante de campo — I, ff 94-95.

fendeu garbosamente a continencia de  
 guarda real portugueza que o esgrava, como  
 guarda d'honra e fôrça da cidade, e peguindo  
 pela sua fasia caracolou o cavallo, obtendo  
 fôrça as damas que agradeciam á janella e  
 com soberbo desdém fôrça o fôrço que se agi-  
 tava em alas fêlas suas do fercurso. <sup>(1)</sup>

Além, os tambores dos granadeiros não  
 conseguiram marcar a cadencia; trocavam  
 a cada fêdra, mas não calçadas da cidade.

Os fardamentos, robes e pejos estavam em-  
 bastados pela chuva e pela fumaça polvê a fê-  
 le dos soldados; mal se fôdian agremar, for-  
 momentos, fôrça não conseguiram o fôr-  
 çador, mas logo cahiam sobre as armas  
 a que se encostavam como a um bordão  
 de caminheiro.

" A fôrça fôrça, fôrça, « desfresca-  
 do na publicidade quichotesca do seu arro-

(1) «... as suas eram cobertas de innumeros  
 fôrça...» [Observações portuguezes historico-politico... 852]

jo » <sup>(1)</sup> seguia iunguido, uencidas, triunfal-  
das, sem uma morte, sem um tiro, sem gol-  
vora nem mesmo logo um cartucho.

E na sua arrogancia d'orgo cœmico, en-  
tre as varias ~~que~~ causas que decretou, antes  
de entrada triumphal, foi que assegurava  
à cidade — isto dig-nos o pouco esquecido  
Bauillo <sup>(2)</sup> — que « a virtude das virgens e  
das mechas resfritas desse resfritavel esta-  
do » seria inviolavel e sagrada!

A tradicional gentileza dos pauceres!  
E os soldados a pedirem ... go!

Era a primeira vez que Napoleão apre-  
cia em Portugal; pela primeira vez os seus  
homens entraram por nossa casa. Mas,

<sup>(1)</sup> Memorias d'um ajudante de campo, I,

pg 95

<sup>(2)</sup> Carlota Augusta, romance — p 142

Bibliographia: Fernandes Costa: Memorias  
d'um ajudante de campo, I, cap. IV — Victo-  
riano José Gaspar: Breve estudo sobre a inua-  
ção franco-berquibols de 1807 em Portugal,  
cap. IV (no Revista do Exercito e do Armado, vol.



como a accusar de grande vale, ou fide na  
 ter a ambiguidade dos humores, o exercito  
 mais brilhante das edades modernas en-  
 trava triumphante, nem capital, as trofe-  
 ções ás pedras, nãto, esfaumado, fediendo aos  
 vencidos benfazejos a esmola d'um fad  
 e d'uma colheita.

=====

{20-XI-205}

20. e 21) — Observador Jorduey Historico e po-  
litico de Lisboa ... {Lisboa, 1849} — Caungos Ju-  
nior: A Filha do Polaco, 1.<sup>a</sup> parte, cap. VIII — Tis-  
sol: Precis au histoire abregie des guerres de la  
revolution française, p 499 e seq.<sup>tes</sup> — Cauille:  
Carlota Neufela, cap XI e XII.

## V

6 de dezembro de 1383 = O alvorço  
de 1383.

A revolução popular de que vamos falar, não foi, positivamente, d'aquellas a que Victor Hugo chama brutalidades do progresso...<sup>(1)</sup>

Não. Foi uma coisa mais modesta, de menor alcance, de menor significação, embora de grandes consequências para Portugal.

Não se levou ao cadafalso cabeça regia como a de Luis XVI nem se destruíram velhas e arraigadas tradições.

Foi uma modesta revolta popular, em que apenas se procurou a cabeça d'um

<sup>(1)</sup> Os Miseráveis, liv. I, parte I, cap. X.

aventuroso, num dia frio de inverno, na  
velha Lisboa, agarrada na sua cinta de muras-  
mas que o rei D. Fernando mandára fazer.

Foi simplesmente um «ahoroco» como  
he chamado Fernão Lopes. <sup>(1)</sup>

Foi a 6 de dezembro de 1383. Pela manhã,  
o Mestre d'Armas, filho do querido rei D. Pe-  
dro, que pôs as muras, atravessava  
com a sua cavalgada pelas ruas da cidade  
direito ao Paço onde devia estar D. Leonor  
Telles, de luto recente da viuvez.

Aquella Lara, a garragueira do Mestre, di-  
zia qualquer coisa de insolito, tanto mais  
que na mesmura fora mandado para o Alen-  
tejo como fronteiro de Tribas d'Odiana.

O povo ria-o garragar, pandoando-o com  
amor; era filho do querido rei justicairo,  
era bom rapaz, adreido, amigo do povo, do  
qual tinha uma grande costella por parte  
da mãe e acima de tudo era o orgulho.

<sup>(1)</sup> Cronica de D. João I - 1.º parte, pag. XII

a unica esperanza que restava para levantar Portugal e defendel-o de, mais dia menos dia ir parar ás mãos dos castelhanos.

O mestre d'Ariz era um messias como dizem o povo de chamoan ingenuamente; e como messias o estava esperando que d'elle — rapaz novo, de vinte e cinco annos, manhoso, com juunos de valencia — nascesse uma nova era para o reino que Pedro o justiceiro tão bem governára e que agora, a rainha adúltera reduzia a um estado de confusão enorme de garceria com o amante, o aventureiro estulto e atrevido João Fernandes Andeiro.

Alvaro Pais, o velho regedor que fôra chancelles de Pedro I, ensinuára ao mestre a necessidade de matar o Andeiro; elle, velho gotoso, era homem de mais, fraco e sem linhagem para tal; mas ao mestre, rapaz na força da vida, nobre, de coração leal e que sabia tão arrisqualada facanha! Não era um assassinio: era uma

alta medida politica a que elle como filho de rei e inuao do rei deshonrado e morto, devia dedicar toda a sua vontade e energia.

Alvaro Paes julgava fallar a um rapaz decidido, grande e honroso comettimentos. O Mestre grem e que não era assim. O Mestre pausou a festa e meditou . . .

Uma coisa d'aquellas não se fazia no ar; matar um homem era facil, mas aguentar com as responsabilidades, com as consequencias era mais forte! Não se ganhava assim por cima do cargo do Mudeiro que a rainha admittia no seu leito e no governo do reino; e demais Castells esperava occorrer boa . . . Era o diabo!

Alvaro Paes argumentava, queria destruir as duvidas; o Mestre gremava . . .

Por fim, «cubricoso d'Laura» como se fosse o cronista <sup>(1)</sup> o Mestre accitou:

(1) Cronica cit.<sup>o</sup> - I parte, cap. XII.

— Seja assim!

Alvaro Daes paltou-lhe ao geseço, beijou-o, com lagrimas de alegria nos olhos: <sup>(1)</sup>

— Bem se vê, Senhor, que os filhos dos reis não são como os dos outros homens! <sup>(2)</sup>

O Mestre parria, pensando no caso. E assim se combria que morreria o Almeida.

Este, avaliando com precisão o partido do gogular do Mestre, fez com que fosse no meado verdadeiro para o Almeida.

E o Mestre gabou, com efeito, com os seus homens, mas já sem intenção de matar o Almeida; o dramista confessou que elle levava no coração vontade de fazer o combriado, mas « foi muito demorado de o <sup>(3)</sup> começar. »

Meu bem nas conversas que teve o

<sup>(1)</sup> «... foi tão cedo que mais não me pude e assim como chorando com prazer se affastava d'elle... » [Chau.<sup>a</sup>, I, cap. VII]

<sup>(2)</sup> Chau.<sup>a</sup> - I, cap. VII

<sup>(3)</sup> Chau.<sup>a</sup> - I, cap. IX

grigo da facenda e já nesse tempo elle era aquillo que depois deu a Oliveira brandes razão para lhe chamar um homem de judeu.

O mestre diabo, de facto judeu; sabia o que fazia. Nada d'aventuras! Theuro Paes era um homem de boa vontade, dedicado, sem duvida; mas a netice fazia-lhe ver tudo côr de rosa! Nada!... requeria para o Alentejo.

Contudo, na jornada ainda ficou a primeira noite, em « Santo Antonio, aldeia "d'ahi a tres leguas" <sup>(1)</sup> sem ter qualquer causa que o inquietava: era um vago remorso, naturalmente, de faltan ao prometido aos bons homens que nelle guardam toda a espezanca. Depois, vio bem que elle seria o salvador de Portugal, se quizesse; o futuro porria-lhe metter, e a noite auxiliava a imaginacao. Atray d'isto, o medo que

(1) Chronica - I, cap. IX.

alguem o denunciasse, estremeleu-o; se  
soubessem, era homem perdido!...

Mantém a cavallo, chamou os seus e vol-  
tam a Lisboa.

Não havia outro remédio agerem de elle  
nem per fora grandes aventuras. Mandou  
dizer a Alvaro Paes que voltasse para aquil-  
lo que elle sabia, <sup>(1)</sup> atravessou as ruas e des-  
cavalgando entrou armado com seus lo-  
meos zelo logo dentro.

Uma voz chamou logo:

— O mestre quem matou o conde João  
Fernandes...

Pelas ruas havia qualquer coisa de novo;  
como hoje se diria: andava coisa no ar...

O mestre entrou, fez os cumprimentos  
à rainha, explicou, zela pouco zuda que le-  
vava, e sem voltar e quando tudo parecia  
pazgado chamou a um quarto ao lado o

(1)

«...já eu vou para fazer aquillo que elle  
sabe.» [Bran. I, cap. X]



Atrevido, fallou-lhe baixo e adirou-lhe uma  
 enfiada á cabeça. O Atrevido vacillou, quiz  
 fugir para a rainha; porém Rey Pereira —  
 tio do futuro Condestavel — com uma enfiada  
 cada varreu-o de lado a lado. O Atrevido  
 cahiu num mar de sangue sobre o lajado.

O mestre, certamente, dizia para comi-  
 go: « falta o resto, agora... » Pelas ruas, jo-  
 ram, galegando um gaguejo gritava:

— Atendam! atendam! Querem matar o  
 mestre no goço! Atendam!...<sup>(1)</sup>

Populares, deitavam a cabeça ás portas, in-  
 tençavam-se. Que larva, que larva?... Já  
 larva grita, já corria gaudê d'um lado pa-  
 ra o outro; homens armados gritavam,  
 outros corriam a casa buscar uma arma  
 qualquer. Theuro Paes, apesar de gótico,  
 montou a cavallo e dominava o tumulto,  
 dirigia-o:

<sup>(1)</sup> « matam o mestre! matam o mestre nos  
 goços da rainha! Acorrei ao mestre que o ma-  
 tam! » {Chron. I, cap. XII}

— Vamos acudir ao mestre! Olhem que é filho d'el-rey D. Pedro!

Tudo correu para os lados d'agar de S. Juan Viejo; as ruas reuniam gente para o largo; olhava-se; a grida absoava os ares:

— Que é do mestre? Que é do mestre?<sup>(1)</sup>

No arco estava tudo fechado; veio lenta e carregada para encerrar as portas e furiosamente a turba investia:

— Venha o mestre! venha o mestre!

O mestre zomou, como Lourenço de juro esgrava o resultado de tudo aquillo até que vindo que podia cantar com o povo, agareceu á janella:

— Amigos! Graças a Deos estão vivos!<sup>(2)</sup>

O povo agitava os braços, aclamava o filho do rei D. Pedro. Álvaro Paes, de cima do cavallo, exclamava: « não havia duvida:

<sup>(1)</sup> «... Onde estava o mestre? Que é do mestre?... » {Chron.<sup>a</sup>, I, cap. XII}

<sup>(2)</sup> « Amigos, glorificae-vos, cá eu vivo e não sou, a Deos graças. » {Chron.<sup>a</sup>, I, cap. XII}

os filhos de reis não são como os dos outros  
homens...» Era na verdade o Messias!

O Mestre entregou-se então ao prazer do  
triumpho. Desceu ao largo, cavalgou e en-  
tre as bênçãos de todos, indigneitou para a ca-  
pa do cavalle João Affonso Telles, irmão da  
rainha. Foi um triumpho triumphal: das  
janelas as mulheres acenavam, bençãos-o;  
o povo aclamava-o; e elle, contente de si mes-  
mo, deixava andar o cavallo vagrosamen-  
te, pendendo bem fundo o prazer da sua su-  
berbidade.

Assim começou o motim popular. O go-  
vo redemoinhou, vir-se ás voltas e quis  
fazer justiça por suas mãos. Correu pelas  
ruas num delirio, buscando em quem exer-  
cer vingança.

Se não fosse o Mestre, mataria a rai-  
nha; o bispo, forara, era castelhano... A Sé  
foi invadida, o bispo foi morto, amarrado  
pelas ruas; os judeus correram risco de de-  
sacato, mas por sobre isto tudo havia a espe-

rancia no messias que o povo levava ao  
 throno de boa vontade querendo um dever  
 de gratidão para com a memoria do rei,  
 tão justiciero e tão bom, e mostrando quan-  
 to gode o povo vontade quando é guiado  
 por uma noção de justiça e de liberdade.

Desde dia data a elevação do Mestre d'Alf.º  
 Luis Gonco, a coroa portuguese seria posta  
 no seu cabeça de manhos, abençoada pelo  
 povo e pela espeda gloriosa do bandestavel  
 santo.

O alvaroz vizigara.

==

{30 - XI - 205}

Bibliographia: Ferraz Lopes: Chronica de D.  
Joad I, 1ª parte, cap. I a XV — Quadros d'Historia por-  
tuguesa: I — A morte do conde Andeiro e do vis-  
conde de Lishes, anonymo no Panorama, p. 53, 1.ª ed. —  
 N. X. Rodrigues Cardozo: Serões d'Historia, I, 104.

## VI

22 de Janeiro de 1828 = O "Três de Janeiro"  
 - chegada do infante D. Miguel a Lisboa.

«... dia entre todos benedito em  
 que o Perola appareceu á barra  
 com o Mesias...»

Esca do Queiroz: A cidade  
e as raras - 17.

Ultimamente, garbosamente, a fraga-  
 ta Perola subia Tejo acima ao cair da tar-  
 de de um dia esplendido de Janeiro, em-  
 quanto que todas as fortalezas e navios de  
 guerra que estavam em frente de Lisboa pal-  
 navam festivamente.<sup>(1)</sup>

No caso do Terreiro do Paço affluea mui-  
 to gozo; no caso de Belém o mesmo e go-  
 lo ar, junto com o troar dos canhões que

<sup>(1)</sup> Masique: Portugal desde 1828 a 1834 - 19.

salvavam, o estalejar de girandolas de fo-  
quedões<sup>(1)</sup> ligava-se ás acclamações do povo.

A fragata avançava; o povo exultava:  
o infante D. Luizuel vinha ali dentro, de-  
zois de meses e meses ganados no dester-  
ro, exilado pelo canatha que desde 1820 go-  
vernava a realza...

Era o verdadeiro, o autentico D. Lui-  
zuel, que cobriaus um cavallo quando  
do-lla a citha, que rabejava um boi como  
qualquer camgrio, que não se desgrasava  
de andar com ameiros, fadas exilados,  
cocheiros, bolieiros; que amava o povo  
a ponto de lhe deshonrar as filhas, como  
em Eueby quando o pol aquecia o pau-  
que, zelas ceifas e zelas rezas...<sup>(2)</sup>

Por isso, de terra, emquanto a fragata  
avançava, o povo, o bom povo berava:  
— Viva D. Luizuel absoluto!

(1) Manique: ob. cit. — 9

(2) Ver neste Novo Annuo Historico — vol. 3<sup>o</sup>,  
cap. XXV: D. Luizuel.

do lado, outros gritavam a todo o momento:

— Matar os russoes!

— Matar os liberais!

O grito era grande; a infantaria regu-  
te dirigia-se em massa á praça de cumgru-  
mentar o inimigo<sup>(1)</sup> e algum exaltado mais  
valente que encontrasse um liberal, cau-  
tava-se acampanhado com gaudio pelos  
circunstâncias a quadra:

« Venha cá, panha matado  
betta a sua nesta gaveta;  
Dize: Viva D. Miguel<sup>(2)</sup>  
Se não quebro-te a caneta! »<sup>(3)</sup>

A multidão, « ebria de jubilo » como  
diz um miguélista<sup>(3)</sup>, ergava-se indolente.  
Os antigos amigos esperavam « de cocete  
» em quanto aquelle que tinha palmas Portu-

<sup>(1)</sup> Soriano: Historia do cerco do Porto, I ul.

p. 258

<sup>(2)</sup> Annuaire: Hist. de Navol. de Setembro, I, 188

<sup>(3)</sup> Manique: des. cit. - p. 8

"gal das mãos dos atores e dos pedreiros - li-  
"vros." <sup>(1)</sup>

Por fim, a fragata lançou fogo; e lan-  
çou fogo também, em frente de Belém, a  
esquadra inglesa que a escoltava, ao goro  
que no Terreiro do Paço «o mundo of-  
ficial» <sup>(2)</sup> exigia solenemente o de-  
clarar a sua frente goro, seguindo o estyllo de  
dar as boas-vindas e num goro le-  
vantado goro tal fim de entregar as cha-  
ves da cidade.

D. Miguel, goro, não cobava goro  
cumprimentos officiaes.

O seu goro não se dava com tal espe-  
cie de cerimoniaes; e, desembarcando  
em Belém, deixou-se levar em tricun-  
gho goro goro jubiloso até á Ajuda, em-  
quanto que o tal «mundo official» de dis-  
curso exigido, de trocas firmadas

<sup>(1)</sup> Aniaga: obr. cit. - I, 188

<sup>(2)</sup> Aniaga: obr. cit. - I, 185



por cause do tumultos, ergeram iuncti-  
mente a vinda do pseudoo filho d'El-rey  
D. João VI.

O Leifante, ergreu, pedia-se metter en-  
tre os seus antigos camoganteiros, veendo em  
volta de si as boccas todas abriendo-se para  
vociferar:

— Viva D. Miguel absoluto!  
e pedia-se logo de turba-multa das  
seus antigos gaudagos.

Ali, pium! Tudo ali estava: os leas, os  
firmes, que o Sr. Aniaga em miera zela  
requinte ardeur: « príncipes, marse-  
" mheres, arcediagos, conegos, abbades e cu-  
" ras e muitos frades, misturados com dou-  
" reiros, cabreiros, cocheiros, empregados nas  
" cavallariças reaes, fadistas d'Alfama, mar-  
" raris e Alcantaria, prostituídas e zedintes,  
" cegos, aleijados e leprozos... »<sup>(1)</sup>

Tudo isto gritava jubilosamente; e al-

<sup>(1)</sup> Aniaga: obr. cit. — I, 185

que improvisador fez cantar a seguinte  
candonga que foi « o baixão da demagogia  
reaccionária: »<sup>(1)</sup>

Rei chegou  
Rei chegou  
Em Belém dessembrou  
E na barra não entrou.

Atroadamente o coro cantava e o Lu-  
fante perria-se, gosando o triumpho, no  
caminho até a Ajuda.

Estava começado o segundo período da  
urgência — como se chamava Soriaes<sup>(2)</sup>  
— e em breve ia começar o terrível perí-  
do de luctas incessantes que só terminou  
em 1834.

N' noite, Lisboa, deitou luminárias:  
quarteis, conventos, casas particulares, edi-  
fícios publicos; « a cidade ardia em todas  
as demas troças de regozijo publico »

<sup>(1)</sup> Chagas: Hist. de Portugal - VIII, 331

<sup>(2)</sup> Ob. cit. - I, 258.

Diz um miguealista <sup>(1)</sup> "a rainha viúva via finalmente a sua ambição realizada: ter o filho querido junto de si como instrumento dócil nas suas mãos varonias.

Iris foi recomendar a villa-franca tão mal sucedida ao curso de cinco annos nem tanto. E o povo, ao já se, em turba, continuava a gritar:

Rei chegou

Rei chegou

E em Belem desembarcou...

E. J. J. - se variantes obscuras para as canções.

Commeçou, pois, o regimen terrivel que tão funda impressão deixou sobre nós por muitos annos.

Quatro dias depois, a 26 de Janeiro, jurou a Carta constitucional e assumio o governo do reino; nomeou um ministério cujos membros eram soberanos de

<sup>(1)</sup> Manique: obs. cit. - 10

conhecidos pelas suas ideias absolutistas e  
o grupo de cacecetes — logo logo rainha  
e logo ministerio — começava toda a pe-  
ria de perseguicões a quem fosse liberal  
ou a quem parecesse...

Fãra este logio — diz o grave Soriano<sup>(1)</sup>  
o primeiro presente que nos deu a Ingl-  
terra, a Suécia e a França.

O presente parece-nos bem; e pen-  
se com tendências conciliadoras,<sup>(2)</sup> no  
dia 13 de março seguinte para que a ca-  
mara dos deputados fosse mais propria  
d'uma monarchia e — ainda seguindo  
o decreto d'aquelle dia — a monarchia  
fosse illudida no modo que se faria  
representar<sup>(3)</sup> a nome por bem... dissol-  
ta!... Sim, dissolvel-a!

<sup>(1)</sup> Obr. cit.º — I, 258

<sup>(2)</sup> Manique: obr. cit.º — 20

<sup>(3)</sup> «... egualmente analogas (as camaras)  
" aos antigos usos e leyuancas costumes d'  
" estes reinos, proprias d'uma monarchia, e

E ainda se quem diga que a história não é uma grande lição!

D. Miguel dissolveu as camaras para que o gajo não fosse enganado, para que se elegesse umas camaras mais decentes, para que a verdade se ouvisse lá dentro, para evitar que se desviasse dinheiro do tesouro...

Fiquemos por aqui... A história!...

==

{15-II-906}

"isentos, quando é possível, de parecer iludidas e fraudadas, facilitando por este modo a leal nação portuguesa o meio de ser dignamente representada." (Mauque: obs. cit.º - p. 20)

Bibliographia: Soriano: Historia do cerco do Porto, I v. - p. 257 e seq.º — F. Ant.º de Almeida de Pina Mauque: Portugal desde 1828 a 1834, cap. I e II — Braga: Historia de Portugal, VIII cap. XIV — J. d'Almeida: Historia da Revolução de setembro, I v. cap. IX, de lin.º 1.º — Theophilus Braga: Ganett e o romantismo, p. 406 e 407 — Alguns momentos para a vida de um homem obscuro, p. 106

VII

15 de dezembro de 1640 = Coroação de  
D. João IV

A restauração da monarchia fôra, real-  
mente um facto, quinze dias antes. <sup>(1)</sup>

Seu sangue, zela sempre vantado de  
um grupo de Lameiros, a cuja penhora ainda  
no penhor a bandeira pinestra e a auxiliar,  
os a ditieza inquerdoavel do corte de Madrid,  
a conjuração fizera-se sem zangos e a mo-  
narchia voltou de novo a reinar sobre Por-  
tugal.

O que fôra a restauração já nós aqui o  
dizíamos: « foi o que hoje se chamaria a res-  
taurção d'uma antiguidade Listerica mas  
sem um glamo de artista consciencioso,

<sup>(1)</sup> Neste Novo theatro Listerico - I vol., pag. 1.<sup>o</sup>

"nem a alma de um agrario consciencioso  
" e nobre." <sup>(1)</sup>

Mal ou bem, contudo, a independencia  
foi um facto e o duque de Braganca, D. Joao  
acometendo sobre si a grande heranca do  
condestavel viu-se elevado a um throno  
que elle não merecia e para o qual subio  
por medo e por fraqueza.

Voltaire, numa das suas obras historicas  
define a situação numa singula phrase: «João  
" duque de Braganca, príncipe que governava  
" por fraco, arrancára esta provincia (Portugal)  
" a um rei mais fraco do que elle » <sup>(2)</sup> phrase es-  
ta que, antegendo um dom ao nome do  
duque e trocando a palavra «arrancára»  
por «foi obrigado a arrancar» fica justa  
e certa como sempre foram as phrases do  
escriptor francez.

A Innoculada conceição faz o que

(1) Novo Annua Historico - I, p 2

(2) Le Siècle de Louis XIV - 1<sup>o</sup> vol. - p 14

os Lourenços não poderiam — dizia o futuro rei  
na sua fraseja de Lygocrita — e assim en-  
comendado á futura protectora do reino  
elleahi veio por esse theatro encurralado e  
le esgoso, mais varavel que o marido « re-  
" ceber a aclamação do povo, elle, o governa digne,  
" dubio, fraco, egoista, como um novo euco-  
" lerto dar a felicidade a Portugal. »<sup>(1)</sup>

Ho desembarcar em Lisboa não se devia pen-  
sár muito nocivo. A aventura fôra grande  
de mais para elle, sobre cerebro acostumado  
á musica do sua capella de Villa-Viciosa e á  
caca das suas cantadas.

Em fim, os fidalgos e a duquesa assim o  
quizeram e a 6 de dezembro entrou tri-  
unphalmente em Lisboa.

Era pois o rei de Portugal; tivera a paus-  
ção da nobreza pelo acto revolucionario do  
1º de dezembro; tivera a paucção do povo e  
la indifferença com que viu a mudança de

<sup>(1)</sup> Novo theatro historico — vol. VI, cap. I.



soberania; mas faltava. He o acto official que he deense a posse effectiva da coroa d'Elrey. Faltava a acclamação essa cerimonia symbolica q'elo qual um Louren e' elevado ao supremo meado d'uma monarchia e col-locas na cabeça, quer l'oa, quer má, quer oca, a corôa sob a benção d'um outro poder, o poder ecclesiastico.

Foi o que se tratou de fazer no dia 15 do mesmo mez em que foi lançado o grito subversivo da independencia. Era necessario, como medida politica completar a obra por essa cerimonia espedaculosa para que todos vissem bem que o duque de Bragança não fôra chamado rei por simples vaidade dos rebelvados; era necessario « rodear-se o mais depressa que se pudesse com todo o prestigio da realtye. »<sup>(1)</sup>

Todos deiravam ver que a coroa portugueza se assentava na cabeça do duque, como uma

(1) Pinheiro Chagas: Hist.º de Portugal, V, 227

consolação para aquelles que ainda esgrávan  
 que gela tal manã de nevoeiro risse o deser-  
jado rei, levantar da decadencia o velho Por-  
 tugal e levá-lo a batalhar victoriosamente  
 pelo mundo todo, numas auzias de victorias,  
 rodeado d'uma aureola de heroismo e de  
 santidade.

Já que não vinha D. Sebastião, era con-  
 tentar com o duque de Bragança...

Assim aconteceu. No Terreiro do Paço  
 armara-se um tablado a que Pinho Leal  
 chamou « magestosa tribuna » <sup>(1)</sup> coberto de  
 alcáçafas de valer e a que uma publicação  
 antiga chamou amphitheatro. <sup>(2)</sup>

O povo accumulava-se, queria ver bem;  
 era uma festa nova e do tempo do antigo,  
 do encolherdo, sem a gente Laveria já.

O rei, gravemente, vinha vestido de  
 « risso gordo, bordado a oiro com abotoada

<sup>(1)</sup> Portugal antigo e moderno, IV, p 320

<sup>(2)</sup> Museu Histórico e recreativo [maio de  
 1862], p 106.

"rao de brilhantes;»<sup>(1)</sup> dos hauleiros (bem de  
leis!) cahia-lhe uma oga roçagante, com  
ferro de tela branca bordada a grata e ouro;<sup>(2)</sup>  
ao gescoco um rico collar de pedras pedras  
preciosas; pendente do qual ia o habito de  
bristo; á cinta um esquadim de cante<sup>(3)</sup> e no  
mao direita — diz a referida publicação<sup>(4)</sup> —  
levava o sceitro d'ouro do rei de Castella  
que o Mestre d'Aljubarrota em Aljubarrota.

O sceitro d'Aljubarrota era um symbolo  
lo; e como o symbolismo ja é meio cami  
nho andado, era necessario que todos se con  
necessem que elle estava em boas maos,  
tao boas como aquellas que o agarraram na  
tenda do arraial castelhano.

At' cauda da oga ia o camareiro-mór  
João Rodrigues de Sá; á frente, de esquadra  
desembainhada, ia o candeistavel que era o

<sup>(1)</sup> Portugal antigo e moderno - IV, 320

<sup>(2)</sup> Museu cit.<sup>o</sup>, p. 107

<sup>(3)</sup> Portugal antigo e moderno, IV, 320

<sup>(4)</sup> Museu cit.<sup>o</sup>, p. 107

marquez de Ferreira, d. Francisco de Mello.  
Tambem o mestre d'Ariz Pereira e um coudes-  
uel e um Joao Rodrigues de Sá, o Sá das  
Galés...

Seu duvide alguems: o acaso até q'ueris  
figurar nos nomes. A differença dos honras  
gerem, e' que era grande, maior até que os  
dois seculos e mais que tinham ja' ganho.

O duque fez entao o juramento solemn-  
me de bem governar o reino, de bem prote-  
ger os vassallos, de ser justo, de ser bom, de  
ser leal...

— « Juro e prometto rezer e governar es-  
te reino, e administrar nelle justiça com  
aquella prudencia, s'inculca e moderação  
que me for essencial; manter os usos, custu-  
mes e direitos deste reino, concedidos e confir-  
mados pelos reis meus antecessores. »<sup>(1)</sup>

Acabado o juramento do clero, do nobre-  
za e do povo, houve discurso adequado ao

<sup>(1)</sup> J. L. Carneiro de Mello: Portugal, suas

acto, tal como o de João das Regras em  
 Coimbra... <sup>(1)</sup> e a cerimonia seguiu-se, so-  
 lemne, espectaculosa, para que por todos os  
 olhos se vesse a convicção de que aquillo era a  
 valer, era uma acclamação verdadeira,  
 bem verdadeira...

Fernão Telles da Silva, alferes-mór que  
 segurava a bandeira real, des enrolando-  
 a, voltou-se para todos e disse em voz bem  
 alta:

— Real! real! real! Pelo muito alto e  
 e muito poderoso D. João IV, nosso Senhor! <sup>(2)</sup>

Repetio o grito segunda vez, e terceira  
 vez.

E o povo, cantando com a festa aflu-

Dynastias e governos — IV 13

<sup>(1)</sup> Esta oração foi lida pelo Dr. Francisco d'Almeida Leites notavel doutor em direito civil pela Universidade de Coimbra e desembargador do Paço. A oração referida foi impressa em Lisboa, nas officinas de Antonio Alvares, em 1641 [V. d'Almeida: Descrição geral e historica, etc., IV, vol. II]

<sup>(2)</sup> Portugal antigo e moderno — IV, 371

dia e acclamava o novo messias. A alegria era grande.

O rei então desceu ao Terreiro e montou a cavallo, e de baixo do Gollie e seguido de grande requito encaminhou-se para a Sé onde o esperava o arcebispo D. Rodrigo de Cuncto.

Haue festa de igreja finta a qual o rei, acclamado ja, com a alta sancção da Igreja catholica, voltou ao Paço, terminando a cerimonia que officialmente lhe deu a zona definitiva d'um throno antes d'elle glorioso.<sup>(1)</sup>

Começou portanto a reinar e reinou dezeses annos.

Felizes dezeses annos!... E a historia não chamou venturoso a este homem a quem um peyso habem á porta, a quem um

(1)  
O que são as opiniões dos romanos!... Veja-se: «Essa cerimonia de coroação e acclamação foi o grande laço de legitimidade, que ligou o rei á nação, e este ao rei. Se não havia no Terreiro do Paço um cavallo como o da

trono se offereceu a a quem uma corôa ca-  
 lida do céu, e não foi capaz de lançar mão  
 do sceptro, da corôa ou subir ao trono, sem  
 a mulher o augurar, sem os senhores o de-  
 fendereem!

A Listeria chama-se restaurador. Não  
 faz bem. Por estas e por outras dizia o fallecido  
 Rodrigues Bandeira que a Listeria é muitas  
 vezes o membro. <sup>(1)</sup>

=====

{6-12-905}

"Guernica, á esquerda do qual os biscainhos são  
 verdadeiros senhores e soberanos, lava o manto  
 do céu, queo ceu o juramento que el-rei gues-  
 tae, e ao qual nunca faltou." {Lancina de Luel-  
 lo: obr. cit.º - p 19} -

<sup>(1)</sup> Serões d'Listeria - ?

Bibliographia: P. Braga: Listeria de Portugal,  
 V, cap. X - F. d'Almeida: Descrição geral, etc., II,  
 p 5 - Pinho Leal: Portugal antigo e moderno,  
 4º, p 220 - Museu Listerico e recreativo, Jornal  
mensal, n.º 7 (maio de 1862) - Vithena Barbosa:  
Cerimonias de aclamação de el-rei D. João IV,

1 de março de 1476 = Batalha de Toro.

Desta arte foi vencido Octaviano  
 e Antonio vencedor, seu conjugetivo  
Luzadas = canto II, 59

Lançado na aventura cavallheiresca da conquista de Castella, defendendo a Península ginecra D. Joana, o rei Affonso V terminou na batalha de Toro o seu anacronico reinado, mercê de mãos conselhos e ingenuas ambições.

Convençido que a união da coroa castelhana e da coroa ginecra era uma causa realivel e facil; convencido, no seu bandado antigo do que a politica — já nesse tempo a havia como hoje — era um modelo de

no Panorama, vol. XI, p. 2 e seq. <sup>100</sup>.



lealdade e de cavalheirismo, causas de que era formado o seu caracter; convencido de que os perigos que lhe existissem para ajuda da posse de tal coroa eram poucos e angustiosos e não por interesse; Affonso V, o ultimo rei cavalleiro abalançou-se negligentemente á guerra, com aquelle desprezimento e incogitacão que caracterisavam quasi sempre os seus actos. (1)

A união de Portugal com Castella volta-se a ser gêmeo de discordia e Affonso V se attende ao seu pensamento, lançou-se á aventura que não deu resultado, assim como outras que levaram Garcia de Resende a dizer bastante dezois

«Portuguezes, castelhanos, (2)  
 Não os quis deus juntos nem.»

Mas, o testamento de Henrique IV de Cas

(1) Ver N. Anno Historico - III, pag. XVIII

(2) Miscellanea - p. 341

Yello, em que encarnegava Affonso V de gover-  
nar o seu reino e em que gedia para que casar  
se com D. Joana, grinceja a quem os casto-  
lhãos chamavam a Beltraneja, mais agra-  
çar a ambição — mais talvez vaidade de ca-  
valleiro — do rei portuguez.<sup>(1)</sup>

Em Castella formáram-se dois partidos:  
o do Beltraneja e o de Fernando e Isabel  
tambem com direitos ao throno; e Affonso V  
mandou saber, indagar pelo seu camareiro  
que depois foi conde de Penafiel, o que gos-  
tára, o que se dizia...

E assim começou a guerra.

A grinceja Beltraneja era filha de Henri-  
que IV; Isabel irmã do mesmo. Ambas  
queriam o throno e se uma se resignou co-  
mo excellente rainha — nome que lhe  
deram em Portugal — a outra, d'acôrdo

<sup>(1)</sup> Já depois de escrito este artigo appareceu  
na Illustração Portugueza (n.º 21 de 16 de julho  
de 1866) um artigo novamente de Sr. Ju-  
lio Dantas com o titulo de O delirio do uni-

varavil e forte, d'uma actividade prodigiosa  
 nunca me lembro por mais arriscado ou  
 mais infeliz que fosse o lance em que se  
 ria.

Do facto, quando Affonso V, reunindo um  
 exercito de quinhentos mil homens de pé e cav.  
 e mil e quinhentos de cavallo — pegando no

fiscal iberico, artigo de commercio, como pad  
 quasi todos os daquelle revista illustrada.

O artigo e' quasi fundado sobre o capitulo ibe  
rico do 2.º volume de obra magistral de Oli-  
 veira Martins: Portugal e a Europa e ge-  
 tende prova mais forte que o notavel  
 historiar que esse « pensamento natural de  
 uniao {Port. e Europa, II, 367} foi constante e  
 persistente em todos os monarchas portuguezes  
 « desde Affonso V ate ao actual rei D. Carlos I,  
 desde o padre Henrique Vieira ate ao ministro  
 Oliveira Martins, desde o marechal Saldanha  
 ate auctor do Gueral, reis e estadistas, gou-  
 vernaes e diplomatas... » {art. cit.} Seria; a criti-  
 ca e a interpretação dos factos, pad a meu ver, li-  
 vres; e exactamente sobre o pad, o alludido e  
 pretendido autor, firmando-se no fallecido  
 Oliveira Martins deixou correr a pena ao pa-  
 lar do seu especial modo de escrever e nunca

o Rey de Sina<sup>(1)</sup> — entrou por Castella  
em nome de guerra para obrigar a  
das armas a reconhecer a legitimidade da  
infancia D. Joana.

Isabel, a venerável esposa de Fernando de  
Aragoa, a futura conquistadora de Granada  
correu com a espada pelas suas terras, che-  
gando a guerra, levantando aldeias, sub-  
mettendo fortalezas.

Uma gloriosa actividade conseguiu  
receber em pouco tempo e Alfonso V reu-

reuerencia galiciana terminou seguindo  
do se esse « sonho magnifico da unificacao  
iberica, resurgira no espirito verdadeiramente  
regenerador do principe D. Luis Felippe? » O ar-  
tigo é de commercio (como elle diz no campo  
para os meus amigos Sr. Pedro Rodriguez de  
quem colhi esta informacao) e sobre d'isso o  
lugar de commissario regio junto do theatro por  
mal estava, nesse altura vago... O espirito  
verdadeiramente regenerador de seu Alteza ti-  
ve alguma razao de ser... [nota escrita a  
24-jan.º-207]

<sup>(1)</sup> Chronica de D. Alfonso V — cap. 177.

que sem cogitade para grandes causas,  
 não aproveitou essa excelente occasião de  
 entrar por Castella ainda dividida pelos par-  
 tidos, ainda sem um plano de defesa que só  
 o varuill esforço da rainha conseguiu de-  
 gois.

Não: Affonso V a quem um francez es-  
 criptor chamau « prince tres éclairé »<sup>(1)</sup> e  
 com muito mais verdade chamamos, o as-  
 sado conselheiro de Luis XI, chamau « ce  
 gaure roi... »<sup>(2)</sup> tendo reunido em Bru-  
 ches o seu exercito, abaleu para Castella au-  
 de entrou por ~~em~~ um lugar chamado Bod-  
 ceira e d'ahi foi para Placencia onde o esfe-  
 rava a gravetida ergosa, onde os ergasso-  
 rios se realisaram solemnemente e onde  
 « por alguns dias houve grandes festas e

<sup>(1)</sup> R. Francisque - Michel: Les Portugais en France, les Français en Portugal - (Paris, 1882)

- p. 12

<sup>(2)</sup> Memoires, livre V, chap. 7<sup>o</sup> - (cid.<sup>o</sup> em Anal. do Gama: A última data de S. Nicolau, 378)

"graseras." (1) Affonso V foi então proclamado rei de Castella e de Leão; os reis d'armas assiem o fizeram saber com o ceremonial d'estyle, mas o casamento, com a rainha Tera de Pina, não se consumou porque faltava uma diácona de Egreja... (2)

A Egreja! A Egreja!...

No entretanto, o rei Affonso V se congratia em ordenar a diácona e em receber os emphyntos dos seus vassallos castelhanos, Fernando V, empenhado q'ella se dirigiu-se-lhe com um exercito mais numeroso.

O rei portuguez, com a esposa, passou ao castello de Toro; e perdendo tempo com feitos insignificantes deu tempo de se-lhe a que Isabel revolvesse os seus reinos todos. De facto, assim foi.

O principe D. João, que depois foi D. João II

(1) Pina: Chronica cit.º - cap. 178

(2) Pina: Chronica cit.º - cap. 178

levantou em Portugal novo socorro e quando os reis castelhanos se acharam frente a frente com Affonso V, este já tinha ao lado seu filho, na ala esquerda, eudo ia com batten valerosamente.

No dia 1 de março de 1476, nas planícies de Toro<sup>(1)</sup> os dois exercitos encontraram-se depois de tristes zuzidias para gloria de qualquer dos combatentes.

Quasi ao pol gosto e que vieram as mãos. A tarde escureceu e cahiu chuva; combatentes com valor de gente a gente; a artilheria, no seu inicio<sup>(2)</sup> teve um certo papel no combate e o rei de Castella, quasi ao fincicio, vendo a investida dos ginetes do ginecego D. Joan, fugio.

(1)

«... planuras de Delaio Gonzalez, do castro Queimado ou de Toro...» (M. Gomes: A Historia de D. S. Nicolau, p. 378)

(2) Era então usado - não das artilherias de ferro Álvaro de Brito (Rolla Lobo: Primeiras bocas de fogo portuguesas, art.º no Revista de

Travou-se o combate mais esforçada-  
mente ao cair da noite e se Affonso V te-  
ve de ceder perante a arremetida dos castel-  
hanos « muy grossa gente d'armas, e mu-  
ltos acobertados »<sup>(1)</sup>, o príncipe D. João já en-  
tão mostrando o que devia ser o que depois  
foi levado adiante de si toda a direita dos  
castelhanos.

Affonso V perdeu-se a vista do filho; este  
não sabia do que; o rei de Castella fugira á  
redoa pelta; e a noite caíu chuvosa. Foi  
assim a batalha!...

Os vencedores d'Affonso V ficaram pe-  
nhores do campo; o príncipe português,  
julgando-se vencedor, com todo o seu  
exercito, ficou tambem pehor do campo;  
e enquanto o rei retirava para Toro jul-  
gando o filho derrotado, este accendia fo-  
gueiras e mandava tocar lousas para

art. Heris (1904), n.º 1 e 2.

(1) Baseado: Cronica de D. João II, cap. XLII.



chamar os portugueses fugitivos e perdidos  
e no firme tenção de ficar como vencedor  
os tres dias que mandavam os costumes de  
eschoa.

Esta batalla, disse Ferdinand Denis « qd.  
" de ser comemorada á dos campos philizicos em  
" que Octavio galejando contra Bruto e Cassio  
" foi por elles derrotado, ao gesso que branco  
" Antonio triumphou dos dois vencedores. »

Assim a coroa de Castella se desfej como  
se desfej sempre o pauho que ~~se~~ a ambi-  
ção formou em frente da crua realidade.

Pobre rei que ainda por fim da vida  
imaginou que os impulsos da nobreza d'

(1) Portugal Pitagorico - I, p 183 - Esta com-  
paração não é mais, de resto, do que a copia da  
comparação feita por Bannier:

« Desta arte foi vencido Octaviano  
E Antonio vencedor, seu companheiro,  
Quando daquelles que hesar mataram  
Nos Philizicos campos se vizeram. »

aluna se tornam factos ao simples pozo  
d'uma imaginação ambiciosa!

Toro não foi uma batalha, foi uma li-  
ca. <sup>(1)</sup> E quem tiver na historia uma serie  
d'exemplos gero a vida conscienciosa e

na estância 59: de canto IV dos Lusíadas. A ori-  
ginalidade e' pois consuetudo...

Nada como a erudição!...

<sup>(1)</sup> Dig' ainda o este resgisto o fallecido ro-  
mancista Arnaldo Gama: «... foi a ultima  
" scena, digue de menção deste mau sabido  
" drama de astucias, de maldades, de trações  
" de inconveniencias e de raudices... » (A  
ultima scena de S. Nicolau, 278)

Bibliographia: Rey de Fina: Chronica de D.  
Affonso V, cap. 173 e seq.<sup>tes</sup> — Garcia de Resende:  
Chronica de D. João II, cap.<sup>os</sup> VIII - XIII — Pinhei-  
ro Chagas: Historia de Portugal, II, cap. 38-39.  
— N. X. Rodrigues Cardeiro: Serões d'Historia  
I, 244 — Arnaldo Gama: A ultima scena de  
S. Nicolau, nota I, p. 275 — Batalha chamada  
de Toro, artigo anexo ao Panorama,  
vol. IV, p. 175 — Ferdinand Dauis: Portugal Pi-  
tareses, I, p. 183-85 — Toro, artigo no Revista  
de Exercito e de Armada, p. 257, vol. IX —  
Toro, no Revista militar, p. 161, vol. de 1900.

lingua, lembre-se do que a respeito da uni-  
ficacão da geniuscula, diz o Sr. Garcia  
de Resende:

«Paraguenses, Castelhãos,  
Não os quer Deus juntos ver.»

=====

{22-II-906}

— Oliveira Martins: Cartas geniusculares, p.  
198, 202, 214.

## IX

7 de março de 1809 = Nominação de Beresford para comandante em chefe do exercito portuguez.

Agora, que a imprensa tem trazido a campo com uma certa insistencia a necessidade de termos um exercito, não só para uma questão de regularidade interna mas para que, na sua sequencia seja respeitado e olhado para coisa de extraordinario, vem de certo a gração commemorar — como um exemplo — o anniversario da nomeação do inglez Beresford para comandante em chefe do exercito portuguez.

Commemorar esta nomeação é sem duvida commemorar o resurgimento do nosso exercito em 1809 e trazer aos olhos do publico — sempre benevolente para

com este modesto peccado — um exemplo de quanto góde uma vontade disciplinadora á frente de instituição militar.

É sabido a desorganização que havia no exercito, quando Magalhães lançou sobre nós o exercito de Junot; o gais todo, de modo a ser tremia da invasão como uma criança a quem mettém medo com almas do outro mundo; a familia real fugio<sup>(1)</sup> a Junot e trou como por sua propria casa, invencido, victorioso, triumphante.<sup>(2)</sup>

O melhor das nossas tropas foi mandado ao gais France<sup>(3)</sup> e Portugal ficou entregue ao unico auxilio — ainda que de véras valioso — de Inglaterra aliada.

Combater-se ainda, de mistura com

<sup>(1)</sup> Ver o Embarque de D. João VI, no 1º volume d'este N. Anno Historico, p. 62

<sup>(2)</sup> Ver neste volume o cap.º IV: Embarque de Junot em Lisboa, p. 25

<sup>(3)</sup> Ver A Legião Portuguesa no vol.º 2º d'este N. Anno Historico, p. 15.

ingleses no Tóbrico e no Vinheiro; os francezes foram obrigados a retirar e lá dentro, o Gobre Luiz via-se a braços com uma completa desorganização em todos os serviços, com o pau rei no Brasil e com os ingleses senhores de tudo.

Estes, porém, agarrá ambições e greguências muito e muito auxiliáram.

O nosso exercito era uma lastima; as maximas e regulamentos do caindo de Liphfe Kinkham passado á historia d'evolta com o Gó de meio século e a organização de 1806 embora fundada, segundo o Sr. coronel Taveira « em bases solidas muito semelhantes ás que hoje estão em moda nos grandes exercitos da Europa, e muito adequada para aproveitarem todas as forças vivas da nação »<sup>(1)</sup> a organização de 1806 dizia-mos estava por assim dizer no papel.

<sup>(1)</sup> N. P. Taveira: Estado historico sobre a campanha do marechal Soult em Portugal - p. 23

Tal e qual como hoje! Tudo no papel!  
 Os ingleses queriam, com o seu espirito practico e com a necessidade de fortalecer esta baluarte onde elles esgráavam ter tanto de garbida para derrubar o gigante francez, vi-  
 ram a necessidade d'uma forte organisação militar em Portugal. O governo portuguez assim tambem o intendem e quando Soult ameaçava invadir o pais pelo norte, deu-  
 ram-se periaamente no assumpto: armar a gleba era dar-lhe armas para «cometter  
 "toda a especie de devastaciones;"<sup>(1)</sup> só uma forte  
 organisação militar podia pôr a nação em  
 estado de, ao lado dos ingleses, obrigar a  
 um certo respeito o grande invador fran-  
 cez.

Até pedido do governo foi pois nomeado  
 Beresford a 7 de março de 1809, comman-  
 dando em chefe do exercito portuguez.

Como este estava dil-o o general Beres-

(1) H. P. Taveira: obs. cit. - p. 25.

forô meu extenso officio o D. Miguel Pereira  
na Torre no qual conto tudo o que fez para  
melhorar a sua situação e organização e as  
operações que contra Soult realison com o  
mesmo exercito. <sup>(1)</sup>

Notavel documento! Tirando alguma  
gota de vaidade do official inglez, vaidade  
nem justa glos menos desculpavel, elle co-  
meça por se querer escusar de contar o es-  
tado em que encontrou as tropas « não pô-  
zer por desagradavel o contar o que a mi-  
guem agradava, mas sempre terá gido fare-  
cer invejoso... » <sup>(2)</sup>

Em todo o documento abundam exem-  
plos que bem se poderiam agantar a quem  
como hoje deiza ir a instituições militar

<sup>(1)</sup> Este officio vem nos Subsidios para o His-  
torio militar de Portugal, publicados na Revis-  
ta do Exercito e da Armada. Vem no vol. 21 a p.  
225 e no vol. 22 a p. 96.

<sup>(2)</sup> Officio citado. E continua: «... foram os  
desejos de S. S. E. (os Governadores do Reino) me



ao saber da politica, dos gadrius e dos afilhados.

Mas Beresford — heuro the rejs! — com mao firme e disciplinadora, como sempre ha ao antigo heroe das sangrias contra Tip-foo-Saib, na India sempre se fez sentir para a direita e para a esquerda os abusos, a reprimir a indisciplina.

Logo no principio reformou 108 officios que elle julgou incapazes para o serviço,<sup>(2)</sup> e fez aqui, sempre disciplinador, sempre severissimo — algumas vezes até ao exagero — de reorganizar o mesmo exercito afazeres de novo, reorganizado, augmentado e quasi completo nos seus effectivos, disciplinado, valente, digno dos antigos combatentes d'Aljubarota, dos velhos batalhadores

" fazem esquecer de toda outra consideração, e  
 " sendo para informações do Principe Regente Nos.  
 " so Senhor he do meu dever enger a guisa seguinte.  
 " de . . .

<sup>(2)</sup> P. Chagas: Historia de Portugal - VII, p. 586

da Índia. Baresford, como o espirito inglez que tão elevado é para os seus interesses e para a sua preponderancia, não referiu a causa alguma; Baresford seguiu o que estava regulamentado.

Escreve-se quanto geral á organização de 1806; não fez como hoje em um, de quatro em quatro annos se desfaz o que o antecessor fez; modificou aqui e ali, como quem gosta deixar de ver as causas antigas para as novas com as necessidades da occasião, mas em tudo seguiu o caminho traçado como na parte Inglaterra, onde os governos successivos têm os olhos fixos no ideal grandioso de poder dominar o mundo.

Muitos officiaes ingleses foram dados mortos no exercito portuguez e ainda que fosse, como disse o Marquez de Sá de Bandeira <sup>(1)</sup> « um remedio amargo para os brios

(1) Memoria sobre a fortificação de Lisboa, citada em Chagas: Hist. de Portugal, VII, 586

"nacionais, no occorria em que foi tomada  
 "era indigensavel para se poder disciplinar  
 "grandemente a força militar.»

Foi pauero, como dissemos; foi mesmo  
 reverissimo, mas dessa fereza disciplina  
 nasceram os leuros que os nossos bisauhos  
 regimentos ganharam no Bussaco, na pe-  
 rie de combates desde a linha de Torres Ve-  
 dras, e no serie d'elles gela Sersgante de outro  
 até ao fim da guerra.<sup>(1)</sup>

Wellington, ao g'ando as nossas troças  
 referir-se em geral, não tanto á bravura  
 mas á firmeza. Bravos tinham sido pen-  
 que os nossos homens; firmes é que nem  
 remegre e só a disciplina conseguiu a verda-  
 deira firmeza.

Por isso os officiaes portuguezes, no fim  
 da guerra, vendo que do accão disciplinada  
 de Baresford nascera a gloria das nossas ar-

<sup>(1)</sup> Ver neste Al. Anno Historico, vol. I, o artigo  
Al. Anno de Redinha - a p. 18.

mas, diziam-me mesma mensagem, quando  
 He offereceram-me uma esquadra d'houtra, que  
 «ao seu incansavel zelo pela organizaçã  
 e disciplina do mesmo exercito e elle deve-  
 dar da gloria com que firmou a liberdade da  
 sua patria agraviada e tyrannisada.»<sup>(1)</sup>

A ambicã, genero, gerden o notavel  
 marechal, feito conde de Trancoso e Marquez  
 de Campo-Maior<sup>(2)</sup>; quiz mandar dezois e  
 se no principio elle foi querido e recebido  
 o seu nome ficou mais gra d'ante com  
 o ignobil labeo de assassino de Gomes Frei

<sup>(1)</sup> Tem transcrita no Commando em  
chefe do exercito desde 1815 a 1820 (capitulo do  
 obra Summario historico de N.P. Taveira) no  
 n.º 4 de Revista militar (2.ª serie, 1905)

<sup>(2)</sup> A rejeicã do marechal Beresford encon-  
 tramos o seguinte na obra de Theophilo Bra-  
 ga: Garrett e o romancismo: «... um memo-  
 ro de ingrãtão que deitando tudo quanto e  
 a Portugal e o maior e mais sanguinario  
 inimigo de Portugal. Este homem generoso,  
 irritado de que em 1820 a Naçã portuguesa o  
 não quizesse aceitar por vice-rei e Bachã.

re de Andrade e dos seus condezes de  
conjuracão.

Inutilitavelmente, a organizacão de Be-  
resford é um exemplo.

É hoje que tanto se agredia contra a In-  
glaterra, quando o cumprimento de um dever  
regulamentar trouxe censuras que os jor-  
naes immediatamente exploraram á falta de

" absoluto, cujos poderes subrepticiamente di-  
" nha extinguido é similis do animo do Sm.  
" D. João VI — estimulado de que em 1824 o ge-  
" rido leal e amante do rei o não deixasse com-  
" puzer a ~~ação~~ traicção garricida em que di-  
" nha conjurado com o Infante D. Miguel — ve-  
" rado enfim de que em 1827 apesar das intri-  
" gas do bispo de Vizeu e de outro ministro de ho-  
" norosa e desfloravel memoria, he não deixas-  
" sem tomar o commando do exercito e destruiu  
" com elle a barba e a autoridade do Sm. D. Pedro  
" IV, a quem tem irreconciliavel odio; este ho-  
" mem indigno do honrado nome de inglez,  
" tem suganado constantemente o ministé-  
" rio britannico... » { Debates no Parlamento  
britannico sobre o negocio de Portugal, na ob-  
" cit.º, pp 418-20. }

outro aspecto, para chamar a attenção dos congradados, devamos todos gir os olhos n' esse homem que dominado unica e simplesmente pelo noção do dever parece cumprir o seu cargo com a inflexibilidade da lei e com a rectidão da justiça.

É uma verdade incontestavel e' que a inquebrantavel disciplina é a base de todas as victorias.

=====

{ 2 - III - 906 }

Bibliographia: P. Chagas: Historia de Portugal, VII, cap. XXIX — N. P. Taveira: Summario Historico sobre a defesa de Portugal, cap.º trans. nisto na Revista Militar, 2.ª serie, 1905, n.º 4 — N. P. Taveira: Estudo Historico sobre a campanha do marechal Sault em Portugal, introdução — Subsidios para a Historia Militar de Portugal, na Revista do Exercito e do Armado, vol. 21, p. 225 e vol. 22 p. 96.

## X

14 de março de 1319 = II Ordem de  
Bristol.

«... Ordem, cujos claustros  
foram quartéis e fortalezas, e  
as trincheiras e canchais tem-  
plos de oração...»

Castilho: Quadros Histórico-  
ricos - I, p 45

Em 1311, em plena Idade Média, o con-  
cílio ecumênico: vicenense que fora con-  
vocado pelo papa Clemente V, extinguiu  
a poderosa e riquíssima ordem dos Tem-  
plários.

Causas terríveis se disseram contra  
os cavalleiros do Templo; formáram-se  
processos; levou-se á fogueira o ultimo  
grão-mestre Jacques Molay e mandaram  
liquidar de vez essa poderosa ordem que

contava gente de dois seculos <sup>(1)</sup> e que fôra fundada no meio da efervescencia religiosa da primeira cruzada.

Tudo se fez e tudo se conseguiu; e quando a decisão irrevogavel e tremenda do concilio de trescentos cardeaos, arcebispos, bispos e mais gente da igreja <sup>(2)</sup> se fez ouvir, o papa, vigãrio de Christo na terra, successor de S. Pedro na cadeira pontifical, immediatamente se declarou « legitimo e forçado herdeiro dos bens immensos do Templo <sup>(3)</sup> ».

Non l'autra forma gadia per ... A cu-

<sup>(1)</sup> Foi fundada em 1118 {N. Baumgärtner: Peabros: Manual d'Historia universal, 251}

<sup>(2)</sup> « Foi o concilio ecumenico viennense convocado por Clemente V, em 1311 (e ao qual assistiram 300 cardeaos, arcebispos, bispos e mais ecclesiasticos, e os reis de France, Inglaterra e Portugal) que extinguiu esta ordem godesosissima. » {Reino Leal: Portugal Antigo e Moderno, I, 104}

<sup>(3)</sup> « ... em toda a Europa valiam muitos milhares de cruzados, meos m'aquele tempo... » {Reino Leal: obr. cit., I, 104}



ria que se gora que era desinteressada na  
 execução do orden; que mostrar o Santo  
 Padre Clemente V que nada ganhava com  
 tal causa...

Em Portugal, gorem, a orden do Tem-  
 plo tinha avultados bens e d. Diniz a quem  
 Hercules chamava avaro<sup>(1)</sup> devia ter fraudi-  
 o sobroto quando tal causa lhe disseram.

Façamos logo meus, em justiça, ao ajui-  
 tado monarcha.

Francamente, d. Diniz não gorden d'as  
 ra heranças forçada e legítima que farias des-  
 vir do seu reino, em via de prosperidades,  
 riquezas enormes e sem a menor van-  
 dade.

De si gora si, disse, talvez, essa frase le-  
 gitimamente gorgueza

— Nada! isto não tem jeito!...

(1) No Alcanceamento gora = História dos  
bens da corôa e dos farras, VI (nos Ofusclos,  
 Tomo VI) — a frase é: «d. Diniz foi um avaro...»

E como de facto não tinha jeito tratem  
de fazer com que as riquezas dos cavalleiros  
valerosos do Templo ficassem dentro do Reij.

D. Diniz, segundo um escriptor era «un  
Prince eclaire»<sup>(1)</sup> e segundo outro era um  
«maestreiro...»<sup>(2)</sup> E na verdade, de tudo in-  
to: da sua avareza, da sua illustração e da  
sua maestria, nasceu aquelle ditado que  
o povo criou para lembrar a sua memo-  
ria querida: El-rey D. Diniz fez tudo quan-  
to veij.

E dentro veij annos foi; e tanto andou  
com o Reij — nessa altura já outro rei  
nome João XXII — que fez com que este  
creasse uma ordem militar portugueza  
para a qual transferiu os bens que pertenciam  
à ordem extinta e — segundo re-  
gras de fideicommissos e substitutos — «fundou

<sup>(1)</sup> A. N. Teixeira de Vasconcellos: Las Cortes  
portuguesas — 220

<sup>(2)</sup> «... o bom mas maestreiro rei D. Diniz...»  
{Reis Leal: obs. cit.: - I, 104.}

" autoridade apostolica esta nova ordem mili-  
 " tar para honra de Deus, exaltação da fé catho-  
 " lica, auxilio de christãos, abastimento e ojes-  
 " sad dos infieis. »<sup>(1)</sup>

O documento apostolico que fundou es-  
 ta Ordem de Milicia de Nosso Senhor Jesus  
 Christo, sahio a 14 de março de 1319.<sup>(2)</sup>

D. Diniz era no verdade um bom políti-  
 co...

Os bens arrebatados dos Templarios vieram  
 gerar a nova ordem de Christo e essas rique-  
 zas que o monarca não deixou ir apegos-  
 sar o diabo da Curia ficaram dentro de  
 fronteiras para exaltação da fé catholica, ge-  
 ra auxilio de christãos, para honra de Deus...

Porfim, quer como facto, quer como in-  
 ventão, a medida foi boa. Indubitavelmente

(1) Definições e estatutos... da ordem de  
Christo — transcritos nas notas do Saudades do Ter-  
ra de Gargal Francisco, p 317

(2) Leu Picheiro Chagas: Historia de Portu-  
gal, I vol. p 281 e em La Gléide: Historia de

o juizo de D. Diniz como administrador re-  
velou-se mais uma vez e a nova milicia  
de Christo, a respeito d'effectivamente em  
Portugal<sup>(1)</sup>, tinha de prestar zara o futuro per-  
vizos relevantes ao zais e á civilisacão.

A cruz vermelha quasi quadrada « feu-  
" dida no meio com outro branca »<sup>(2)</sup> era a  
sua divisa em breve gloriosa; Castro luy  
seu foi a sua primeira residencia<sup>(3)</sup> que de-  
pois foi transferida para Thomar, a velha  
~~cidade~~ villa do valeroso Templario Gual-  
dim Paes e agerar de Paes, querendo des-  
viar de si a responsabilidade disse que

Portugal, I, 585, a data da bulla é 15 de  
março e não 14, como deve ser.

"<sup>(1)</sup> A Bulla referida « recebeu-a jubilese-  
" mente D. Diniz em Santarem, sendo lida  
" em 5 de maio de 1319 com toda a solemnidade  
" de sua grandeza d'El-rey... [La Bulla: Historia  
cit.: I, 587]

"<sup>(2)</sup> Figueira: Ordem de Christo, no Paro-  
" rama, IV, 101.

"<sup>(3)</sup> «... e que a casa principal d'ella fosse

a ordem era uma nova ordem, o rei D. Di-  
 mig, matreiramente, mandava escrever:  
 « que a ordem de Christo se tenha feito em  
 " reformação da ordem de Templo que se des-  
 " fez... »<sup>(1)</sup>

Deu-lhe mais, o Papa, um novo grad-  
 meo que não era templario, D. Gil Mar-  
 tins, cavalleiro professo e mestre da ordem  
 de S. Bento d'Aviz<sup>(2)</sup>; deu-lhe como visitador  
 e Surgeon o abbade d'Alcobaca<sup>(3)</sup>; e deu-lhe  
 « todos os privilegios, liberdades e indulgen-  
 " cias »<sup>(4)</sup> da ordem de Calatrava de Hergandi.

em Castro-Marim e de unio a Igreja paro-  
 " quial daquelle villa com todos os seus direitos »  
 { Definições e estatutos ... cit.<sup>5</sup> }

<sup>(1)</sup> Cit.<sup>o</sup> em Pinheiro Chagas: Historia de Por-  
 tugal, I, 281

<sup>(2)</sup> Definições e estatutos ... — « El iunior di-  
 " nuro polemico ... veio a realisar-se a 18 de  
 " novembro do referido anno (1319) no sagella  
 " real da dita villa (Santarém)... assistido ao  
 " acto el-rey... » [La Cleda: Historia cit.<sup>o</sup>, I, 587]

<sup>(3)</sup> Definições e estatutos ... cit.<sup>o</sup>

<sup>(4)</sup> Definições e estatutos ... cit.<sup>o</sup>

O bom rei D. Diniz ria-se naturalmente de isto tudo; o papa João XXII queria naturalmente adogar o escândalo (já antes os havia!)... e o rei cá dentro de fraudes ia-lhes dando tudo que os Templários tinham, inclusive os rendimentos que os seus tinham dado desde 1311 a 1319<sup>(1)</sup> e dizem de que Roma que piou, que era uma nova ardeur, que era tudo novo...

E o avarante do D. Diniz foi-lhes acrescentando Castello Branco, Thomar, Almeirim « e todos os outros castellos, fortalezas, bens moveis e de raiz, todos em geral e em particular, assim ecclesiasticos como seculares, direitos e accões, jurisdicções, mero e mixto imperio, honras e vapalos, com as Igrejas, capellas e oratórios e pees direitos, hermos e todas suas

<sup>(1)</sup> «... el-rei publicou — a 26 do mesmo mes de novembro (1319) — uma groniam em que ordenava a entrega... dos respectivos bens e rendimentos.» [Le Blad: Historia

"gentes que ficaram de Ordem do Templo...»<sup>(1)</sup>

Assim nasceu e cresceu a ordem de Christo<sup>(2)</sup> que hoje se confere com uma naturalidade enorme.

Assim nasceu essa ordem, milícia religiosa valente e temerária e cujo insignia devia ser depois o symbolo da mesma audacia quando este povo se lançou a descoberta do mundo descoberto e guardado pelo mar forte e impetuoso de Lufau-  
te que foi um dos seus mestres mais illustres.

D. Diniz, fundando a ordem de Christo e lançando indubitavelmente a base á nossa marinha, foi o impulso circumscrito da nossa actividade maritima; a or-

cit.<sup>o</sup> - I, 589]

(1) Definições e estatutos... cit.<sup>o</sup>

(2) «... tinha a ser um pequeno reino maritimo da Ordem) de toda a Monarchia Lusitana...» [P.<sup>o</sup> Antonio Cardozo: Historia Lu-



deu dava o dinheiro porque tudo era ge-  
ra augmento da febre da cristandade; e  
a marinha deu o meio de transgôrta...

Lembrar a ordem de Christo e' lembrar  
a origem do mono febril actividade mariti-  
ma; lembrar-a e' lembrar tambem que  
essa gloriosa milicia e d'essa gloriosa e  
symbolica cruz vermelha, hoje nada nos  
resta...

Não ingorta. Essa maranhosa escultu-  
ra de Thomar, esse rendimento de gado au-  
grecido pelo tempo diz muito ainda.

relevar, liv. II, cap. I, 4. — « Leurs greviliges  
et leurs lieux s'accroissent au point de gar-  
der ambrage à la couronne. » [Nouveau  
Larousse illustré, II, 821].

Bibliographia = Definições e esboços...  
da ordem de Christo, nas notas (a III) de Pedro  
gues d'Alveida ás Saudades de Terra do doutor  
Gazda Furtado — Figariere: A Ordem de  
Christo, no Comarano, IV, p. 100. — N. N. T.  
de Vasconcellos: Os Bandos e gongos, p. 289-  
294 — Picho Leal: Portugal antigo e moderno,  
I, p. 104-105 — P. Blagos: Historia de Portugal,



E isto é se não tivermos memoria para lembrar que essa cruz vermelha decorreu, de lado a lado, nas velas brancas dos navios, o mundo todo, na inconsciente abertura do descoberto do que havia que fazer...

... Porque, sem devida alguma, essa cruz vermelha nada tem de semelhante com uma outra que hoje vemos em collares, em crachás ao gosto de qualquer que ganhou algum dinheiro no Brasil, ou arranjou votos para eleições.

==

[8-3-906]

I, cap. 18 — Vieira Guimaraes: A Ordem de  
Bleisdo — La Bléde: Historia de Portugal, liv.  
VII, IV, 1.º vol.º

XI

13 de março de 1828 = Uma Dissolu-  
ção de cãdés.

« Ah! uma esgoda purgiva  
da voragem da anarquia que  
tudo ha-de regenerar e ger-  
minar... »

D. Miguel I — Obras a  
mais canglêdo e canglê-  
deada ... sobre a legitimi-  
dade ... do reinado D. Mi-  
guel I ... [Lisboa, 1828] -  
p. 61.

Alguns de chegarmos atrasados uma se-  
mana, ainda vimos a profecia...<sup>(1)</sup>

A Listeria vem sempre a profecia, de-  
za sempre a bexiga.

E pensa-se : a dissolução de cãdés

<sup>(1)</sup> Este artigo, comemorando um facto

Não é de certo uma causa nova. Dissolver as câmaras contra a opinião publica, contra o voto do conselho d'Estado, não é legal, mas entrou nos hábitos. Não é um abuso: é um uso.

Não é pois para admirar que Sua Magestade ha pouco ainda tivesse dissolvido a camara dos deputados.

Eles faziam lá tanto barulho!...

Foi um acto despotico? Não: foi um acto liberal. Hoje não ha mais liberdade.

É como diz o Sr. João Chagas no seu recente livro: «hoje só se governa com a

como o da dissolução de câmaras em 1828, viuha a proposito da dissolução violenta das câmaras feita pelo ministerio progressista do Sr. José Luciano, nos primeiros dias de Janeiro, de <sup>de 1805</sup> creto que o monarcha assignava contra o voto do conselho d'Estado. Debatia-se então a magna questão dos tabacos que tanto emocionou o país durante algum tempo e que deitou a terra o mesmo ministerio, e que provocou as sessões parlamentares mais ven-

"liberdade e em seu nome — mesmo  
"quando se governa contra ella...»<sup>(1)</sup>

Mas não fugamos do assunto; queria-  
mos fallar do Sr. D. Miguel e vamos a es-  
carregar estas causas d'agora com que a  
Lisboa ainda nada tem.

Vamos pois ao infante D. Miguel de-  
pois que elle entrou em Lisboa triumphal-  
mente, a 22 de Janeiro de 1828<sup>(2)</sup> tendo  
feito d'outra Alliança para governar Portu-  
gal e gol-o de novo afastado dos turbu-  
lentos honores de 1820 que ha quasi oito

seculosas, de certo, que se fizeram no gabo-  
namento garbuzey. Uma facção do partido  
progressista com o conselheiro Frei d'Algoim  
á frente, acudados pela realeza, no agarencia  
republicana, de assignarem o contracto dos  
daticos, foram a cause de tão agitada ques-  
tão. O presidente do conselho não dá ao Sr.  
Algoim a parte do reino, como queria: d'  
aqui a questão. {N. escrita a 12-III-907}

<sup>(1)</sup> Relicis e um amigo das instituições,  
no vol. Fora restabele, p 128.

<sup>(2)</sup> Ver neste volume, o cap.º VI: O Rei che-

anos traziam o galo numa continua re-  
volta.

O galo cantava o

Rei chegou  
Rei chegou...

no entusiasmo quasi sincero pelo volta  
do novo Messias; os aguçados do Lu-  
fante corriam as ruas em busca dos ma-  
lhados que fugiam esgaravidos.

— Morram os mescomicos!

E os escaqueiros, moedilha desenfreada,  
corria, aculada dizem uns que pelo Rainha  
outro que pelo Lufante.

Essa o que dizia o padre José Agostinho:

— « Vacillam os thronos enquanto não  
gemerem na forca os pedreiros! »<sup>(1)</sup>

O Lufante, gorem, gorem que não se

gore, a pp 51-59.

(1) O Desenganado, periodico politico e mo-  
ral [Lisboa, 1830] - n.º 6; « Ah! malvados, se  
vosses conhecessem o verdadeiro arrependi-

esquencia do seu papel de rei absoluto, mas ao mesmo tempo tinha as suas deudas: as causas não se faziam de gr' para a mão, era preciso fingir, illudir, representar bem o papel que lhe destináram.

Assim, com os conselhos púbtis d'aquelles que o rodeavam, e que viam nelle um esplendido instrumento das suas ideias, e chegado precisamente na occasião, o Infante de castela começou por jurar a linda madre dias depois de ter chegado; «goreu não? os

" mundo, o Reis do terra, assim como não a  
 " imagem do Altissimo para quem, assim o pe-  
 " riam com mais auge verdade para ger-  
 " dar... Com innocencia e ingenuidade, tu-  
 " do é o mesmo; nós queremos morrer ingenui-  
 " tantes, e is morrer... » (16)

Bem tempo, entes!...

" (1) «Pelo meio hora da tarde do dia 26 do mes-  
 " mo mes de Janeiro deste anno... reuni-  
 " das no salão d' Ajuda, na sala das sessões reais,  
 " as duas camaras legislativas, com assisten-  
 " cia do cargo diplomatico, da corte, e officiaes-mi-  
 " nes de casa real, appareceu o Senhor D. Miguel

" fins justificavam os meios... »<sup>(1)</sup>.

Reunidas na Ajuda as duas camaras, o  
 Infante - regente entregou - lhe solennemen-  
 te, com um discurso a regencia do reino;  
 D. Miguel accitou - a com outro discurso  
 regendo Oliveira Martins,<sup>(2)</sup> calado regem-  
 do o Sen. Trizaga<sup>(3)</sup>; e com um discurso em  
 que elle estendeu dezois as mãos sobre os

"  
 " com as senhoras Infantes... Com requi-  
 " simento á allocucao do ex-regente, tomou o lo-  
 " gar de S.A. a Senhora Infante D. Isabel Maria,  
 " o senhor D. Miguel e prestou juramento regem-  
 " do a formula prescrita no carta constitucional  
 " de 1826, authorizada pelo Imperador do Brasil  
 " mas com a expressa determinacao de ser gre-  
 " vamente occida pelos Tres Estados do Reino... »

{Pina Manique: Portugal desde 1828 e 1834, p. 12}

<sup>(1)</sup> O. Martins: Portugal Contemporaneo, I,

p. 87.

"  
 " <sup>(2)</sup> « O Infante entregou - lhe a regencia com  
 " um discurso; elle recebeu - a com outro. » {Por-  
 " tugal Contemporaneo, I, 87}

"  
 " <sup>(3)</sup> « O Infante nada respondia; mas porem  
 " de que não estava acostumado a estes  
 " actos publicos e era branco e ignorante mas

Evangelhos e disse friamente a fórmula obrigatória.

Lá fora estalaram os foguetes em girândolas; os rios regicavam em festa; as fortalezas e navios salvavam e o povo aclamava...

Aclamava, o quê? O Imperador regente? Não: aclamava o seu rei natural, o rei absoluto, o grande D. Miguel I, rei de Portugal! A rainha Carlota Joaquina exultava.

De facto, o ministério que estava então foi nesse mesmo dia dimittido como gerizoso por liberal de mais<sup>(1)</sup> e nomeou-se o duque de Cadaval, o dezan. Cargado Leite de Barros, futuro conde de Basto, Rio

"Joanna não ligava nenhuma importância ao juramento..." [História da Revolução de Setembro, I, 191]

<sup>(1)</sup> «Um geral e escolha do Senhor D. Miguel mereceu o agrasso publico... [Uma manieira: des. cit., 13]



de Mendança, o conde de Lousã (D. Diogo)  
o visconde de Santarém; e como o povo  
sempre continuasse a pedir que deixasse  
a Barba, que o queria rei absoluto, o Lu-  
fante decidiu-se...

Aqui é que nós queríamos chegar...

Batear a Barba, proclamá-lo rei ab-  
soluto, trair o irmão D. Pedro IV? Sim,  
era isto o que se queria.

Mas... o juramento sobre os Santos  
Evangelhos; ao pão de fagueiros e regi-  
ques? Era uma!...

Esqueceu-se, porém, que o livro sobre  
que foi feito o juramento tinha sido... o  
livro Os Burros do padre José Agosti-  
nho e que, mesmo assim, o duque de Ca-  
vaval « encolheira o Lufante á vista da  
camara!... »<sup>(1)</sup>

Esta versão, fragmentada com o fim

<sup>(1)</sup> O. Martins: Portugal Constitucional,  
I, 88.

certamente de acabar com escuridões, —  
 se o havia — decidiu a reflexividade...

Com razão dizia o padre nesse mes-  
 mo tempo: « zelo maior gado e um do  
 do de malvados, e invejosos e infames  
 simos intrigantes; outro para uns baba-  
 dos... »<sup>(1)</sup>

mas adiante...

O que é verdade e que, quer o  
 juramento fosse sobre o Evangelho quer  
 sobre Os Buros, D. Miguel faltou a qual-  
 quer d'elles. O gado e gado foi-se cer-  
 cando de gente sua; e mãe agendava d'um  
 lado; o ceude de Barão d'outro; e o gov-  
 nado cessava de berra

— Viva D. Miguel absoluto!

Não teve outro remédio... A 13 de  
 março (ha oitenta annos!) sahio um  
 decreto assignado por José Antonio de  
 Oliveira Leite de Barros, com a rubrica

(1)

Os Buros - prefazão, p. XII

do parecerem os senhores deputados, em requi-  
 da e em outro que dissolvia a camara do  
 segundado.

O primeiro dissolvia em nome da Car-  
 ta Constitucional; o segundo explicava  
 em nome da mesma carta.

A Carta! Surge a Carta! Em no-  
 me da Carta se annullava a camara para  
 que a outra fosse « mais propria de uma  
 monarchia e isenta quanto possível de per-  
 illudida... facilitando-se por este meio a  
 real missão portugueza em nome de per digna  
 mente representada... »<sup>(1)</sup>

Este acto, diz Oliveira Martins, im-

<sup>(1)</sup> E continuava assim o decreto: «... e  
 deitando objecto de tão alta transcendencia  
 ser encarregado e gessoas deventes a deus,  
 fizeis ao throno e amadas da patria, hei outro.  
 sim por bem, em nome d'el-rei, nomear  
 para este afado nomeada como juredo... » etc,  
 etc, requirido-se os nomes do membro d'el-  
 la. Ver transcripto em P. Chagas: Historia  
de Portugal, 8.<sup>o</sup>, 332.

gostava a abolição da barba;<sup>(1)</sup> e com effeito tratou-se d'isso, e conseguiram realisar-o pouco depois.

E tudo isto se fez no meio de aclamações, no meio de vivérios, de gritos, de foguetes, de regatas!

Comos são natural dissolver as castas!

Já se via ha oitenta annos!

Se isto se fazia ha oitenta annos, por que se não ha-de fazer hoje? Comos bem piungles, no fim de contas.

O Porto revoltou-se, o inquieto Porto? Que tacha! Lá se acomodou depois!

Não ha nada como uma revolução! Quê se não degeis rabejar um boi ou gansar de carruagem,<sup>(2)</sup> o que caubudo ficou dissolvido foi a camara...

(1) Portugal Contemporaneo - I, 91

(2) Este "gansar de carruagem" refere-se ao facto do monarcha, depois de assignar o decreto a que me referi no note do p. 105, sahír immediatamente de Paço das Necess.

Oh bom José Agostinho de Macedo! Tu  
 é que dizes bem, quando dizes a respeito  
 da revolução: « em todas as monarchias há  
 " de ser o que a França está sendo, em a Fran-  
 " ca ha-de acabar de vez de inquietar o  
 " mundo ».<sup>(1)</sup>

idades, e in ganciar de carruagem para a  
 Avenida, e quando gouvavelmente para  
 os numerosos jogos que havia zelos suas,  
 engrandecendo as grimeiras modicias de que se  
 resolvera no Conselho d'Estado. Este facto  
 indignou toda a gente, tanto mais que gane-  
 cia haver gogozido, e is que o monarcha dei-  
 xou o Pazo, grimeiro que algeus mem-  
 bros do Conselho que ainda lá ficaram discu-  
 tindo. [A. escrita a 27-III-1837]

(1) O Desempenho, 1.<sup>o</sup> ed.<sup>o</sup> - n.<sup>o</sup> 2, p. 8.

Bibliographia: Picheiro Chagas: Historia  
de Portugal, vol. VIII, cap. XIV — Jac. d'Almeida:  
Historia da Revolução de Setembro, I vol., liv.  
 II, cap. I — Oliveira Martins: Portugal Car-  
thagoriano, I vol., liv. I, cap. IV, 2.<sup>o</sup> — Pires Lu-  
 migue: Portugal desde 1828 a 1834, cap. II —  
 Theophile Braga: Garrett e o romantismo, p.  
 409 — J. Agostinho de Macedo: O Desempenho  
 juridico politico e moral.

Oh bom philosopho! Eras malandro  
de mais para fallares assim, com uma  
gosta de sinceridade...

Oh entanto... revoluções...

Não ha nada como o juizo e a can.

Sello...

==

{16-III-906}

XII

29 de março de 1809 = Entrada de meu  
regal Sault no Porto.

Já aqui fallámos do valor que tem a disciplina quando nos referimos ao regimento Baresford mostrando que elle é a base das victorias.<sup>(1)</sup>

Hoje commemoramos um facto que mais o vem commostrar.

E quem julga que esses artigos incendiarios que vemos constantemente contra a brutalidade da disciplina militar não o exprimam de verdade, deixe conscienciosamente neste facto da entrada do general Sault no Porto ha noveenta e

(1) Neste volume, cap: IX: Baresford e nomeado, comandante em chefe, etc. p. 82

para a guerra; e será quando seria melhor que a cidade veloz que proclamou a revolução de 1820 tivesse uma defesa disciplinada, metódica e seria.

A entrada do general francez Sault, duque de Dalmeida, pelas fronteiras do Minho e Trás-os-Montes, meio-anho depois da saída de Junot derrotado pelo exercito anglo-luso, veio agarrar as provincias do norte. A defesa destas provincias era o que hoje seria, infelizmente: o mesmo que nada...

Sault entrou com facilidade, sem encontrar seria resistencia como seria facil; em Chaves houve uma vergonha na comedia que terminou por se entregar a guarnição; no caso de Salamanca

<sup>(1)</sup> Acerca deste invasão, o melhor trabalho que conheço é o do coronel de estado-maior Affonso Pereira Taveira, de Magalhães: Estudo historico sobre a campanha do marechal Sault em Portugal considerado nas suas



«com admiracão minha» — dizia depois Beresford <sup>(1)</sup> — gannou igualmente incolumnia; em Braga entrou na mesma, depois do golpe assassinar o notavel e infeliz general Bernardim Freire d'Albuquerque; e por toda a parte gannou o duque de Dalmeida, vencedor sem combata, encontrando sem que no seu frente a gente amotivada.

Daram armas ao povo para se defender; mas este, como succede sempre nos momentos de terror quer encontrar traidores em toda a parte e sem accitar a menor ordem vira contra os proprios as armas que só devia empregar no defeza da patria. Essa gente desvairada «para

relações com a defeza do Porto. (Lec, 1 vol.º, 1898)

<sup>(1)</sup> Relação das operações do Exército de Sua Magestade Real desde a defeza do Marechal Beresford feita segundo os desejos de S. S. Lec os Governadores do Reino, feita por Beresford, com data de 21 de setembro de 1809. (Os Revisões do Exército e do Armado, vol. 22,

" quem he de raizar a aurosa da civilisa-  
 " ção quando se descolerirem arcos de po-  
 " gzar Tigres fere da iguila » como disse  
 Camille <sup>(1)</sup>, cometta toda a serie de atten-  
 tados e Dault avancava sobre o Porto, co-  
 mo homem que patria que o Porto se lhe  
 abria como as outras cidades.

De facto o Porto estava em condições  
 de defesa; a sua linha de fortificações en-  
 toa « de natureza passagira » <sup>(2)</sup> podia of-  
 zer alguma resistencia; o effectivo dos  
 seus homens de guarnição patria ao nu-  
 mero de 24:000 <sup>(3)</sup>, numero que os escripto-  
 res francezes elevam desde 40 a 70:000 <sup>(4)</sup>;

H 150.) e' um notavel documento.

<sup>(1)</sup> O Demonio do ouro - vol. II, 80

<sup>(2)</sup> Taveira: obs. cit. - 84

<sup>(3)</sup> Taveira: obs. cit. - 85

<sup>(4)</sup> « Le noble de 40 a 70:000 hommes! »

[Taveira: obs. cit., p 85, nota 7:] - «... une  
 armée de cinquante mil hommes... »

[Tissot: Précis de l'histoire abrégée des guer-  
 res... p 551]

gno não desmerecer a fama; as bocas  
de fogo periam 200 com alguns obuses,<sup>(1)</sup>  
mas... Dizia com muita razão o mare-  
chal inglez: «a insubordinação tornava  
"tudo a despeza impossível."<sup>(2)</sup>

Assim era. Dentro da cidade os com-  
mandantes não se entendiam porque o bis-  
go, «dotado de um caracter profundamente  
"de Lygocrita e ambicioso tinha a mania de  
"querer dirigir tudo por si só."<sup>(3)</sup> O govo não  
tinha-se e o bisgo deixava-o ás voltas,  
deixava meter, roubar, fazer enfim o que  
queria com a boa vontade naturalmente  
de se tornar popular, de se tornar querido,  
de ser visto como o unico salvador.

(1) Taveira: ob. cit.: - 85

(2) Relação cit.

(3) Taveira: ob. cit., 83 — Benesford, na cit.  
Relação chama-lhe «um excellenté bisgo.»  
E' que á data do officio do inglez o bisgo gerden-  
cia ao conselho e era governador desde 6 d'abril  
{Blagas: ob. cit. de Portugal, VII, 596}. Era neces-  
sario cuidado...

O govo arrebatou a 22 de março as ca-  
deias e trouxe para a rua o brigadeiro Luis  
de Oliveira com mais quatorze camarguei-  
ros e outros presos dos jacobinos; e como  
traidores matou-os e mutilou-os como  
em Braga tinham feito ao infeliz Freire  
d'Almeida.

O bispo via isto e... deixava! O go-  
vernador militar, o brigadeiro Parnaíba  
«agenciado sagacidade como general e d'  
uma deslocação resumida»<sup>(1)</sup> também  
via isto, mas... tinha medo do bispo e  
não queria levantar «brictos»!...

O govo fazia gois o que queria; o govo  
mandava.

E o exercito? Eras 24:000 homens de  
defesa?

<sup>(1)</sup> Parnaíba: obs. cit.: - 83 - Beresford dig:  
«... o brigadeiro Parnaíba patia tão pouco  
mesmo da notícia militar...» [Relatório de  
cit.:] - E parece não haver exagero da par-  
te do. inglyz.

A este respeito diz o Sr. coronel Taveira: «é preciso não confundir um homem com um soldado.»<sup>(1)</sup> E realmente, dezes 24:000 homens só 4:500 eram de tropas regulares; o mais era: 1600 homens de milicias com armas e 800 sem armas; 7:000 ardeanças e 10:000 armados de fuzis, varas, machadões, instrumentos de lavoura, etc,<sup>(2)</sup> uma multidão de gente que sob seus disciplina rigorosa podia fazer muito, mas que assim era, mais do que prejudicial, era nefasta.

O Porto estava pois condemnado a ter a parte de Braga. E, ao apparecer em frente das linhas de defesa no dia 27, o marechal Soult notou logo a fraqueza das mesmas linhas, a turba multa que nellas andava, a pouca ardeam que havia em

<sup>(1)</sup> Taveira: *ob. cit.* - 85

<sup>(2)</sup> Estas indicações meem meem curiosas e interessantes quadro a p. 86 de *ob. cit.* de Taveira.

tiudo, e ficou logo com a certeza de que no dia seguinte o Porto estaria em poder dos francezes.

No entanto, as posições tinham sido tomadas pelos defensores: a esquerda da linha era commandada pelo brigadeiro Barretto; o centro (entre a Pareda e Aguardente) pelo brigadeiro Parreiras; e a direita (Bomfim) pelo brigadeiro Victoria mas Soult vendo bem que não valia a pena combater logo no dia 28 fez uma capitulação.

« Sereis vencidos — disse elle ao governador e generaes no carta que escreveu — e os rios de sangue que será derramado recalarão sobre vossas cabeças.»<sup>(1)</sup>

O bispo governou, que era o verdadeiro governador, ou mesmo « generalissimo

<sup>(1)</sup> Carta do marechal Soult ao governo, officiaes generaes e commandantes das tropas que defendiam o Porto. (Nos doc.<sup>to</sup> de Almeida, ob.<sup>o</sup> cit.<sup>o</sup>, p. XXXIX.)

"de mitra e baculo" <sup>(1)</sup> não accediam q'ue-  
 da alguma, mas á cautella, na noite de  
 28 para 29 foi atravessando o Douro e refu-  
 giando-se na parte do Pilar.

O que foi o combate nas linhas dil-o o  
 resultado vergulhoso. Não havia ordem,  
 ninguém recatava nos regulares algu-  
 ma autoridade; todos mandavam e cada  
 um fazia o que muito bem de gracia. D'  
 aqui o resultado seguinte: na tarde de 28  
 o tiro de canhão começou; na noite de 28 para  
 29, nos pontos, os francezes berravam d'um  
 lado os outros tocados pelo terror; os canhões  
 tocavam a rebata e por toda a linha os de-  
 fensores lançavam uma doída fusilaria  
 num modo incrível d'um assalto... E  
 na madrugada de 29 quando as divisões  
 francezas de Merle e Delaborde começa-  
 ram o ataque, os defensores começaram  
 a recuar.

(1) Tanciera: obi: cit: - 91

Dois recuar nasceram as ordens de  
Sault para outros assaltos e em breve  
toda a linha fugia esgarçada para a ci-  
dade, açoitada pelos franceses!

Assim o brio dirigia o defesa...

Toda a multidão corria; e cavallaria  
francesa varria as ruas; a população dei-  
damente descia a Ribeira confluindo  
no caos como torrentes caudalosas de  
troncadas descendo dos fazendas das man-  
tañas; as baterias da parte do Pilar tro-  
vejavam zumbidos ininterruptos; e  
gelo gente de barcas sobre o Douro corria  
a multidão aglomerada.

Nisto, uns alcaçães da gente quebra-  
ram-se e foram tirados; a multidão  
conheceu não viu e precipitou-se na cor-  
rente rápida do rio; os que viraram não  
viram e caíram também... Uma conjur-  
ção horrível levantou-se então e quan-  
do, com muitos esforços se foi regressando  
a corrente humana as guardas de gente



absteram e de novo a agua escura do Douro  
recebem dezenas e dezenas de victimas.

Os francezes perthores da cidade variam  
as ruas; no caos acrobatavam mesmo fu-  
ria o gozo que fugia mas por fim o espe-  
taculo era tao innocuamente, tao terrivel-  
mente triste que os vencedores, embain-  
hando as espadas e deitando as espingar-  
das, lançaram-se a salvar os desgracados  
que a corrente levava ás cunetas.<sup>(1)</sup>

Os francezes estavam perthores da cida-  
de. O bispo-genera! fugio para Aveiro; o  
barão de Ebber retirou para Coimbra;<sup>(2)</sup> e

(1) «Alguns os calcularam em 4.000, ou-  
tros em 8.000; algunos até em 20.000. Neste  
ultimo calculo ha exaggeração evidente.»  
{Blagos: Hist. de Portugal - VII, 535}

(2) O resgido do barão d'Ebber diz Beres-  
ford o seguinte no je cidade Relação: «...  
o barão d'Ebber tomou o commando de huma  
multidão sem ordem nem subordinação...  
e nos devemos admirar, não de elle não  
goder mais mas de haver tanto tempo go-  
vernado uma multidão...»

Berensford dizia depois sarcasticamente e  
 certo mas com justiça quando mais eu me  
 mo & indirectamente o accusaram de  
 não socorrer os sitiados da cidade invicta:  
 « Se eu tivesse mandado todo o exercito  
 " ao Porto, todos teriam entrado em uma  
 " abarba insubordinação e todos teriam de-  
 " mado o esgripto que então reinava no  
 " Porto e teriamos infallivelmente gerd-  
 " do o fundo sobre que eu gaguei a quinci-  
 " giar a formar um exercito... »<sup>(1)</sup>

Quem venceu pois o Porto? <sup>(2)</sup> Os france-  
 ses? Não: o insubordinação que havia, a

(1)

Relação cit.<sup>2</sup>

(2)  
 « At gerda dos portuguezes durante os tres  
 " dias foi calculada de 8 a 10:000 homens  
 " não incluindo os afogados no Douro... »  
 [Taveira: ob. cit., 93]

Bibliographie: Taveira: Estudo Historico  
sobre o cerco da de marochal Sault em  
Portugal, cap. 12 — P. Braga: Historie de  
Portugal, vol. 7<sup>o</sup>, cap. 221 — Vinot: Précis  
ou Lictaire abrégé des guerres de la revolu-

falta de disciplina, essa causa que muito  
conduziam a uma linha que mas que con-  
segue tudo.

Quelera-se, o facto, com a maior facilidade  
de mas com elle se faz o mais forte tec-  
do.

==

{22-III-906}

Vian, p. 550 a pag.<sup>ra</sup> — Relação das operações  
do Exército de Sua Alteza Real ... cit.<sup>o</sup> a p. 119  
deste artigo.

7 de junho de 1494 = A Divisão do  
Mundo - [Tratado de Tordesillas]

« Este he o marco d'entre  
castella e portugal... »  
Legenda da carta geographi-  
ca de Cantino (1502)

Ninguém — desde que ha gente pelo  
mundo — se lembrou de certo, em dividir  
imaginariamente o globo terrestre em  
dois e dizer categoricamente:

— Esta parte e' para estes e esta outra  
para aquelles...

Pela guerra, pelo conquista das armas,  
povos sobre povos se foram agoderado de  
continentes, de ilhas e de mares; invenções  
colossaes se foram feito em que a alluvião  
irresistivel de gente se foram agoderado de

vastos territórios; mas que um homem  
dentro d'um gabinete, um recanto lu-  
goso d'um enorme edificio tentá dividir  
o mundo ao meio e dizer:

— Tomem lá!...

isso só gasta o zelo ambiciosa do que  
quifico o rei Alexandre VI.

O successor do Lumilde S. Pedro, de alto  
de polio poderoso, dispenha assim, a seu ta-  
lante, do mundo, como se elle fosse domi-  
nio legal; dava uma especie de penitencia  
de doação para acabar com contendas.

Fára o caso que Vintau nascido deuri-  
das sobre a quem pertenciam os terrenos  
descubertos pelos navegadores portugue-  
lleses, quando a febre das descobertas  
chegára ao seu ponto culminante com  
o encontro do continente americano<sup>(1)</sup> e

(1) Ver-se a obra de Taubman da  
Fonseca: A Descoberta do Brasil, no cap. XII  
em que trata com certo desenvolvimento  
a questao de grande importancia para d.

com a da extremidade sul da Africa Zaire  
Tora.

Os viagens de Bartholomeu Dias e Co-  
lombo marcaram o periodo aureo das via-  
gens descobridoras dos seculos aureos  
dos; d'ahi para o futuro seria apenas ne-  
cessario ir na estada do que estava feito.

Nesse periodo, diz Oliveira Martins, « a  
" Europa curva a cabeça e a natureza e' obri-  
" gada a revelar os seus segredos. »<sup>(1)</sup>

Portuguezes e hespanhoes percorrem e  
descobrem o mundo num abraço colossal;  
as suas bandeiras encontram-se em  
mares longinquos; os seus navios cru-  
zam-se em afastadas paragens.

E com isto, o circo commeca; ou

João II, da grandidade da descoberta do Bra-  
zil que hoje, mesmo apesar de tudo, não es-  
tá definitivamente averiguada, e' um li-  
vro feito com consciencia e que revela  
bastante erudição.

<sup>(1)</sup> Historia da civilização ibérica — tomo IV,  
1º, p. 197.

bem que era d'elles ou bem que era d'outros aquillo que se descobria. Lá de ganancia é que os dois povos visinhos não queriam; e rivalidade secular subsistia porque e agora muito mais desde que Portugal deixou fugir a gloria da descoberta da America.

Foi preciso, pois, regulamentar as descobertas; foi preciso estabelecer uma regra no leuco espirito aventureiro de Pannipulo!

Em 1436, já o papa Eugenio IV concedera ao rei D. Duarte, por uma bolla<sup>(1)</sup>, a posse das terras que os navegadores portugueses descobrissem, pois que já nesse anno as descobertas portuguesas tinham tomado um certo incremento; mas Castella acudia logo quando se vi a posse das Bavarias que — diziam de lá — foram sempre castelhanas mas que de cá diziam

<sup>(1)</sup> P. Chagas: Historia de Portugal - III, 87

— e com mais penão completa rasão —  
 que tinham sido descobertas por marinhei-  
 ros de Affonso IV. Lo mais d'um seculo.<sup>(1)</sup>

Illewa questão que, se fosse hoje, dava  
 com um ministerio em terra; mas lá  
 se arranjou tudo conforme se foyde e  
 os navegadores continuáram por esses  
 mares, ensadadamente, deusando o desco-  
 nhecido.

A viagem feliz de Colombo veio, go-  
 rem, modificar tudo e o rei D. João II viu  
 bem o resultado. O Henrique, penhora  
 do riquissimo continente ia equalar-se a  
 Portugal em terras conquistadas e quem  
 sabe se intrahetter-se com os navega-  
 dores portuguezes disputando a mão ar-  
 mada a posse de novas terras.

Assim, sem uma marinha fixa, não  
 podia ser.

<sup>(1)</sup>  
 Ver neste Novo Reino Historico, no I vol.  
D. Affonso IV e as ilhas Canarias - p. 95



Recorreu-se ao Papa, então o summo e-  
 labro Alexandre VI. Este chefe supremo  
 da christandade e por consequencia senhor  
 do mundo todo (segundo a vaidade e orgu-  
 lho do christianismo) resolveu a questao  
 como delemos em outros tempos.

E como — segundo Fr. Francisco de S.<sup>a</sup>  
 Maria — « sempre foi facil a qualquer  
 "homem dar o que não góde haver" <sup>(1)</sup> o am-  
 bicioso Alexandre VI dividiu o mundo  
 por uma linha imaginaria do polo norte  
 ao polo sul e que passava precisamente  
 a meio do Atlantico e disse: para o gran-  
 te é para os hespanhoes, para o nascente  
 é para os portuguezes!

Esta divisao do mundo, fundada numa  
 logica curiosa e tortuosa <sup>(2)</sup> teve lugar a 4 de

(1) Annos Historico - I, 198

(2) Curioso achamos transcrever o seguinte  
 do boçado da Historia de Pideiro Braga, que  
 se findo num trabalho de Theodoro Barro  
 publicado no Jornal das Sciencias Mathe-

mais de 1493, por meio de duas bulhas.

O mundo estava pois dividido pelo pui-  
gões e aiguthores vaudade do representante  
de Christo na Terra...

Passado um anno, reuniram-se em  
Vandecillas os representantes de Portugal

Reis da Academia Real: « Havia.... uma  
" teoria para explicar essa intervenção gou-  
" rificia e essa teoria exfol-a de seguinte for-  
" ma o bacharel Enciso:

" « A Abraham e a seus descendentes deu  
" Deus a terra de Promissão habitada e possuida  
" por idolatras que adoravam o Diabo e blasphe-  
" mavam de Deus. Nesta terra viveram  
" Abraham, Isaac seu filho e seu neto Jacob, e  
" Jacob suas mulheres e seus doze filhos e seus  
" netos iram para o Egipto. Estiveram os des-  
" cendentes de Jacob setenta annos no Egipto  
" donde os tirou Moyses, conduzindo-os a ter-  
" ra de Promissão, que conquistaram a ferro  
" e fogo, levando no cativeiro quantos esca-  
" zaram á morte. E sendo isto se fez zelo vauda-  
" de de Deus porque eram idolatras. » E sobre  
" esta allegação, prosegue Enciso, direi que  
" « sendo nós o Povo em lugar de Deus, e el-  
" le, como senhor universal, havendo dado

e Iheronimo « para realisarem as concessões daquelle. »<sup>(1)</sup>

De cá foram Thomaz de Sousa e seu filho D. João de Sousa; o licenciado Nuno d'Almeida, corregedor da corte e o seu secretario Estevão Var « pessoas no reino de muito bom saber grande confiança e muito caridade »<sup>(2)</sup>

No anno que as negociações requiriam

« as terras das Indias que possuíam idolatras ao rei catholico para que se fizesse nelle o nome de Deus e a nossa fé, o rei muito justamente podia mandar requerer a estes indios idolatras que se entregassem a terra, pois o rei se lh'a dava e se a não quizessem dar se podia fazer a guerra a terra. Th'á o forço e aiudo se cerra matá-los e prendel-los e dar como escravos os que fossem presos, como fosse feito aos de terra de Promissão. » Tais eram as doutrinas correntes por esse tempo... » (Blazer: Hist. cit. - III, p. 88)

<sup>(1)</sup> P. Blazer: História de Portugal, III, 89

<sup>(2)</sup> Garcia de Resende: Chronica de D. João II, pag. 167 — «... e com elles muito honrada companhia... »

D. João II não se esquecia de ter em cons-  
tante consideração a embaixada, ao  
mesmo tempo que com dadas e laudas  
conseguiu que « todos os conselhos e regedores  
" He era de descobrir os quinceiros que mandam.  
" ma causa se fizesse... »<sup>(1)</sup>

O grande quinceiro era na verdade um  
quinceiro perfeito!

E os embaixadores abriam a bocca de  
admiração quando nas recomenda-  
ções de D. João II apparecia d'isto: « tal dia  
" vos hão-de dizer El-rei e a Rainha tal e tal  
" causa a que responderais tal e tal... »<sup>(2)</sup>

Assim se fizeram as negociações; e a

(1)

Resumo: Chronica, cap. 168 — « Também  
" tinha tido no conselho d'El-rei e da Rainha  
" de Castella que tudo he era logo revelado antes  
" de se fazer, e tinha maneira que ao Duque do  
" Brabantado e a outros senhores mandava da-  
" dadas e mercês publicas... e aos que mais  
" se faziam dava mercês tão grandes e tão re-  
" credas que todos os regedores, etc... »

(2)

Resumo: Chronica, idem — E accresceu

7 de junho de 1494 se assignou em Torde-  
 villas o celebre tratado jurado pelos dois  
 reis «com grande reverencia...»<sup>(1)</sup>

Por este tratado a linha divisoria ficou  
 mais grossa o nascente 370 leguas do que a  
 linha estabelecida<sup>(2)</sup> e isto com o fim de com-  
 preender na parte portuguesa, o Brasil, já  
 então conhecido pelos nossos navegadores

da: «... e vindo o proprio dia lho diziam sem  
 "faltar palavra. De que os Embaixadores eram  
 "muito alegrados...»

<sup>(1)</sup> Resende: Chronica, pag. 167 — «... de que  
 "todo mostravam receber descanço e contenta-  
 "mento...»

<sup>(2)</sup> Commentario a tal respeito, d'um je-  
 "suita: «... aquella linha imaginaria, lançada  
 "de norte a sul... é o fundamento da divisã  
 "e demarcaçã de Brasil... Mas como nesta  
 "linha transversal os caminhos de uns andá-  
 "ram mais e menos livres os de outros, ou  
 "de gregos, ou levados das diversas arri-  
 "mações das cartas geographicas, veio a occasio  
 "nar-se nesta materia variedade:...» Padre  
 Simão de Vasconcellos: Chronica do Caminho  
 de Jesus no Estado do Brasil, Introd.<sup>ta</sup>, 14-15.

mas incertamente e que deu lugar á descoberta de Colombo<sup>(1)</sup> que quando partiu para a aventura levava a certeza de que ia fazer.

Por isso os nossos embaixadores protestaram e a linha foi collocada onde devia, no fim de contas, ser.

Para lá da linha, a Espanha; para cá, Portugal. O mundo era do Príncipe!

O mundo era coisa de Portugal e de Isabel! O mundo era nosso, de nós príncipes que levávamos a cruz á frente para ascendo da guerra commercial!

(1) Ver sobre o assunto o já citado livro de Fernão de Sousa: O descobrimento do Brasil, cap. XII.

Bibliographia: P. Braga: Historia de Portugal, III, cap. XIII — F. de Sousa: O descobrimento do Brasil, cap. XII — Garcia de Resende: Chronica de D. João II, cap. 167 e 168 — Balthazar: Descubrimentos, guerras e conquistas dos portuguezes, liv. I, cap. XIV — F. de Sá: Portugal Pitagorico, I v. ff. 258 — Simão de Vasconcellos: Chronica do Príncipe de João no Estado do Brasil, introd. —

É ironicamente, mas com alguma  
 sombra de desdido, Francisco I de França  
 ao saber do tratado, dizia, sorrindo:

— Sempre queria saber qual foi o artigo  
 do Testamento de Abdão que legava a Por-  
 tugal e o Algarve a olhos do mundo por  
 desenhair!

==

{31-V-906}

XIV

22 de setembro de 1772 = O Marquês de Pombal e a Universidade.

Entre as reformas que o Marquês de Pombal introduziu no nosso desorganizado país durante o seu tempo de ministro, a da Universidade de Coimbra é sem dúvida das mais notáveis.

Nada esqueceu ao notável ministro; e a instrução que estava entregue aos jesuítas, viu-a o país — que também estava sob a enorme pressão da intolerância religiosa — que ia surgir sob um aspecto novo, moderno, a par dos países adiantados da Europa. Por a instrução ser moderna, impedia-se expulsar os jesuítas dos estabelecimentos de ensino; era necessário isso para a obra do Marquês?

O Marquês não conhecia dificuldades;



e os jesuitas foram expulsos do ensino pú-  
blico com alauso de todos.<sup>(1)</sup>

Bem via elle que a instrucção, polida  
base da grandidade d'um povo, era coisa que  
o Portugal faltava, como de resto ainda ho-  
je; e accrescenta um seu agologista que era  
sobre a instrucção « que elle esperava assen-  
" tar os alicerces sobre que nemme egocha futu-  
" ra poderia ser erigido o edificio d'um gover-  
" no livre. »<sup>(2)</sup>

Previsse ou não o futuro o que é certo  
é que a medida gombalina foi uma medi-  
da de alcance consideravel. Que importa-  
na a instrucção se a obra era admiravel e  
se d'elle se tirava afinal os mais esplendi-  
dos resultados?

O marquez antevia a revolução egre-  
-

(1)

«... foi disgregada (a Comgandia) e aucto-  
" ramente de direcção dos estudos no anno de  
" 1759. » [alvará de 28 de junho, 1759] - [D. Thom. de  
Corta: Historia da instrucção, 104]

(2)

Smith: Memorias do marquez de Pombal.

tendo no horizonte? Não me metterei a  
 resolver o problema; o que é certo é que o  
 jesuíta deve de largar o domínio do cathedra  
 e não mais — durante muito tempo  
 — amoldar as intelligencias juvenis aos  
 acanhados limites dos seus processos de  
 ensino. « Foi o primeiro passo — diz Pi-  
 " rreiros Chagas — dado pelo Marquez no seu  
 " obra regeneradora. »<sup>(1)</sup>

E assim foi.

Ora a Universidade tinha sido um  
 foco onde se reuniam fortes os filhos de  
 Bourquand e o Marquez bem viu a ne-  
 cessidade de dar uma remodelação aquel-  
 le antigo e celebre estabelecimento de ins-  
 trução, tiral-o do chão que lhe calava em si-  
 tuação, levantá-lo ao nível em que devia es-  
 tar, dar-lhe enfim uma feição moderna  
 e liberal.

Real - p. 236

<sup>(1)</sup> Historia de Portugal - VII, 62.

Os jesuítas já lo iam, mundo feia, cur-  
vados ao feroz jugo do ministro; mas era  
necessário destruir tambem a feicção que  
elles deixáram e as raizes que crearam  
por toda a parte.

Em 1770, uma carta de lei, de 23 de  
novembro criou a chamada Junta de Pre-  
videncia litteraria composta de Frei Maun-  
el do Bemaculo (bispo de Beja); doutor José  
Ricardo Pereira de Castro e José de Seabra da  
Silva, desembargadores; doutor Francisco  
Theobaldo Marques Geraldes; doutor Francisco  
de Lemos Pereira Cantúcho, reitor da Uni-  
versidade; doutor Manuel Pereira da Silva  
e João Pereira Ramos de Azevedo, desembar-  
gadores, — sob a inspecção do cardeal de  
Lisboa e do Marquez de Pombal.<sup>(1)</sup> O fim da  
Junta era «elaborar um relatório sobre o  
estado da Universidade, causas do seu de-  
cadencia e remedios a propôr para o sal-

<sup>(1)</sup> Manuel Gago: da Universidade de Coimbra.

"van e agradecer."<sup>(1)</sup> O relatório veio provar que a boingardia era o principal factor da decadencia da Universidade; foi apresentado em agosto do anno seguinte e mostrava a urgente necessidade de remodelação, porque o seu estado de abruço era «verdadeiramente verganhoso»<sup>(2)</sup>

A mesma junta, então, foi encarregada de redigir os estatutos, agregando-se para as sciencias medicas o Dr. Antonio Ribeiro Sanchez e para as mathematicas e philosophia natural o celebre José Anastacio da Cunha.

Lançou-se com verdade mãos á obra e a 28 de agosto de 1772 foram sancionados por elle e a real regia os estatutos que iam reformar o nosso estabelecimento de ensino, os celebres estatutos a que um

(ere, nos Serões, [2ª serie] - I vol. 246

<sup>(1)</sup> M. Gayo: A Universidade de Coimbra, na mesma revista, I, 246

<sup>(2)</sup> M. Gayo: ibidem, I, 247

erudito escriptor contemporaneo chama  
 «o mais judicioso e vasto regulamento  
 d'estudos que viram othos humanos» <sup>(1)</sup> e  
 que regendo outro «nao um momen-  
 to de pavidaria que ainda hoje derrogam a  
 admiraçao do mundo inteiro.» <sup>(2)</sup>

A Universidade tinha pois aberto adian-  
 te de si um futuro grande, estimulando  
 as gerações modernas a serem mais las-  
 gos horizontes; e o jesuita tinha de ceder  
 em frente da grande figura esgloriosa do  
delegado. Mais uma vez a fumaça voadora  
 do ministro fazia vergar o orguido arduo  
 para dar uma nova forma e moderna a  
 este fraco e velho pois.

(1) J. M. Simões de Castro: Quis historico do  
viajante em Coimbra - p. 159.

(2) Tropeiros illustrado do viajante em Coimbra  
 1756. [8' autor Theobaldo Augusto Gonçalves]

A respeito dos estudos de John Smith, nas  
Memorias do Marquez de Pombal [p. 239]:  
 «Tão subito regularizaram na Europa  
 os estudos e regulamentos de Coimbra

Publicados os estatutos o rei D. José enviou o seu ministro a Coimbra para pessoalmente os fazer cumprir. Dizia na carta regia: «em meu nome fareis tudo pois do meu real agrado e gratificação»<sup>(1)</sup> e na verdade o Marquez de Pombal garantiu para Coimbra em setembro de 1772 para dar cumprimento ás ordens do seu real amo com jurisdicção privativa, exclusiva e ilimitada.<sup>(2)</sup>

Era na verdade um senhor absoluto!

No dia 22 de setembro, a cidade de Coimbra, em festa, recebia com extraordinarias ~~festas~~ honras o Plenipotenciario do monarcha. Desde Coimbra foi acompanhado d'um grande requito e ao chegar á porta sobre o Mondego um terço

que os adaltesam outros governos no intuito de melhorarem as suas universidades.»

(1) Citado em P. Braga: Historia de Portugal  
VII, 70

(2) Simões de Castro: Guia cit., 159.

d'ordenanças, fazendo a guarda d'honra  
salvou com tres descargas e os raios de to-  
da a cidade regicaram fortissimamente.

A Universidade veio receber-o e até o  
grande Marquez se allegar á porta do Paço  
episcopal — depois de passar pelas ruas  
« que estavam todas arçadas e armadas »  
como diz um Diario da epocha <sup>(1)</sup> — a cida-  
de gregia que recubria nos seus muros o  
maior penhor de Portugal.

~~em~~ A Universidade decretou como se  
devia ir estudar suas Excellencias num re-  
gulamento curioso: á frente os chara-  
melleiros, os estudantes « per modum  
" universi porque em raras não goza ha  
" ua formalidade; » <sup>(2)</sup> depois os membros em  
artes, a seguir os leões de medicina, os  
legistas, os canonicos e os theologos; em

<sup>(1)</sup> Ver transcripto no Panorama photogra-  
fico de Portugal, I. v. p. 45

<sup>(2)</sup> Regulamento referido que veru tambem  
transcripto no mesmo Panorama photographi.

seguido os bedais e no fim o reitor, todos  
 « com as insígnias de barlas e capellos  
 " que não tiraram sem acabar o acto »<sup>(1)</sup> e o  
 do lado direito recebido enorme como em  
 grã ao homem que vinha como « logar-  
 tenente » do rei de Portugal.

No dia 26, um grêdido polemico de todo  
 o cargo academico foi buscar o marquez ao  
 Paço e acompanhá-lo á Universidade, onde  
 de lhe estava reservada, na sala dos ca-  
 pellos, « uma cadeira ricamente armada  
 " debaixo de um docel de velludo; »<sup>(2)</sup> e com  
 todo o ceremonial foi lido o decreto no  
 qual D. José dava plenos poderes ao mar-  
 quez para reformar a Universidade.

Passados tres dias, com o mesmo ceri-  
 monial e a mesma solemnidade foram  
 lidos os estatutos.

De então for deante, até ao dia 24 de

co, I v. p. 31

(1) Regulamento, citado

(2) Simões de Castro: Quis cit.°, 160



amburo, o marquês empregou o seu tempo em dirigir pelo caminho que he tinha aberto, o caduco estabelecimento que d'ahi se tinha fundado naquella collina elevada que é hoje a linda cidade de Coimbra.

O marquês empregou na sua obra os homens mais illustres que havia « escolhidos »<sup>(1)</sup> pelo seu grande saber e cultura, e empregou o seu tempo activamente na reforma que he devia ser bem querida, e tambem se vio elevar o grande edificio onde hoje esta o Museu de Historia natural e o Gabinete de Physica, o laboratorio chimico, apparecer o jardim botanico e o observatorio astronomico (que se não chegou a concluir); tambem se vio conservar dos antigos professores uns poucos que he mereciam confiança, e para as vagas que ficaram mandava nomear de autoritate regia e outros mandava vir do ex-

(1) Notas illustradas, cit.º - 66

frangeiro, dentre os mais distintos.

Foi no curso mes que esteve em Coimbra, uma verdadeira revolução.

A degeidre - ne oficialmente na palle dos cagellos teve sobas amaveis palavras: «em Coimbra achei muito que louvar e nada que advertir...»<sup>(1)</sup> E quando, dahi a dois dias palle de Coimbra, deixou nas mãos do muito conhecido D. Francisco de Lemos, o reformador-reitor - reitor desde maio de 1770 e reformador por decreto de 11 de setembro de 1772 - o encargo lauroso e d'alta responsabilidade da continuacão da obra memoravel que empreendera.

E a respeito deste ultimo disse degois Fr. Antonio José de Rocha que «nao houve causa que fosse exceder a fartura das letras deixasse de fazer o seu génio nesto,

<sup>(1)</sup> Smith: Memorias, 241.

Glória de ser hoje!...

" Jacundo e agradecido, »<sup>(1)</sup> e realmente o ministro de D. José não podia collocar em melhores mãos o cumprimento dos seus planos.

Voltou porém o jesuíta com D. Maria I e a reforma grandiosa do marquez estava em risco de cair; não caiu porém o valor da reforma era dos que sobreviveram ao tempo; não caiu porém os professores nomeados ainda lá estavam quasi todos; e porém o benemerito D. Francisco de Lemos conseguia sustentar dedicadamente o que elle ajudára a crear com almas e coraçãõ.

Mas o que certamente não caiu foi a affirmacão de todos, de que os estatutos da Universidade de 1772 são uma obra ex-  
glandida e que a reforma pode-se aguentar como uma das melhores obras do minist.

<sup>(1)</sup> Oracão fúnebre de D. Francisco de Lemos, cit.º em Simões de Castro: Quis cit.º, 162

do que parece elevar um reino decaído e moribundo a dar vida ainda o mais da vida, a por alguma causa até e cujo valor e o mesmo vulgar e glêben « é rejeitado com admiração pelas nações do mundo. »<sup>(1)</sup>

x

Mas — o que é o mundo! — volvido um século e pouco mais, a Universidade em vez de acompanhar perfeitamente o progresso, deu causa a que, ainda não ha muito, o jornalista João Braga dissesse: « se ha na sociedade portuguesa um mal que se discute apesar de por talvez o que mais interessamente ~~se~~ se ~~discute~~ discute <sup>(2)</sup> de laurea, esse mal é — a Universidade » e zoviscou o conflito cuja resolução se espera ha dois meses e meio! <sup>(3)</sup>

<sup>(1)</sup> D. Antonio de Costa: Historia da Lusitania capitulum de regibus - 127

<sup>(2)</sup> Os meios nações - I vol., p. 56

<sup>(3)</sup> Esta nota final foi escrita a 25 de maio

A Universidade teve meoza grãve — re-  
 amem e' lícito affirmar-o — o seu 89; de  
 toda a parte os ataques caheem-Ne sobre o  
 dogmatismo cathedraico como as achas de  
 madeira brasejadas pelo fogo em revolta  
 na porta da Basílica; o velho edifício uni-  
 versitario desmorona-se em presença da  
 revolta intellectual da mocidade; e o go-  
 verno fazendo politica, esgatha aos quatro  
 ventos que se está na presença d'um caso  
 de ardeur publica.

de 1807, quando estava ainda accesa a grãve  
 academica. A este respeito ver as memorias  
numerias, I vol.: A questã academica de 1807.

Bibliographia: Pimenta Braga: Historia de  
Portugal, VII, cap. VI — Augusto Mendes Si-  
mees de Castro: Guia Historico do viajante  
em Coimbra, p. 154-164 — D. Antonio de Co-  
sta: Historia da instrucã popular, cap. V —  
Panorama geographico de Portugal n.º 2 e 3.  
 — Resumo illustrado do viajante em Coim-  
bra, p. 62-66. — O Coimbricense, n.º 5369 —  
Manuel Gago: A Universidade de Coimbra,  
 nos Sensões, 1805, 2.ª serie, I vol. p. 345 — Smith:

Oxalá desta guerra nasça o resurgimen-  
to d'uma Universidade nova, como das  
cinzas da Basílica nasceu a liberdade!

=====

{ 15-IX-904; re-  
fundido a 25-V-  
907 }

Memorias do Marquez de Combal {trad.<sup>2a</sup>},  
vol. XX.

XV

21 de abril de 1749 = O título de "Fidelis-  
simus."

D. João V foi o primeiro monarca português que teve o título de fidelissimus.

O que quer dizer este título que ficou depois d'elle para todos os successores?

Na nossa opinião o título, seu si, não quer dizer coisa alguma ou quando muito quer dizer pouco...

É vulgar o fallar-se do fausto e da magnificencia do cante do rei D. João V; alguns factos até ficaram proverbias e hoje contam-se com orgulho. Ora este de que tratamos não é dos mais fallados e sem duvida um dos que custou mais dinheiro.

Foi certamente uma questão de vaidade e as minas do Brazil chegavam bem para

se poder ser vaidoso e ainda para mais do que isso.

Esta curia o ouro corria abundante; havia diplomatas de propósito para se conseguir que os beneficiados usassem hábitos prelaticios...<sup>(1)</sup> e outras frivolidades puerilhantas! Uma atmosfera de beataria e devassidão reinava em toda a parte e o ouro vinha acabar de corromper a raça degenerada que dera tanto valor e tanto lreoe! E o jesuita, autor desta obra terrivel, via impassivel o acaso das ruinas do Brazil que vinha como um auxilio providencial na sua obra de destruicao e aviltamento duma grande raça.

O jesuita era peuhar do povo; e o rei só queria saber das suas igrejas, das imman-

(1)

«... fez nin involuntariamente ver Alexan-  
 " dre de Gusmão semo requerimento que dirige a  
 " el-rei.... lembrar que foi elle que conseguiu  
 " que o Patriarcha usasse pulgar-luneral e os bene-  
 " ficiados hábitos prelaticios.» [P. Chagas: Historia  
de Portugal, VI, 274]



des e do seu ponto predilecto, S. Francisco d' Assis.<sup>(1)</sup>

Sentia-se feliz quando ouvia tocar o cântico de Maria que era a sua obra principal, que era a sua gloria; e o povo, com fome, emigrando, abandonando as aldeias, ia comer de camião o caldo ás gortarias dos conventos, como unico recurso e mais commo- do...

Mas, a vaidade estimulou-o sempre; a vaidade nelle era tudo. Luiz XIV foi um grande rei: porque não havia elle de o ser tambem? Por isso o pretendem imitar em tudo, amedantando-o sempre.

Maria era uma basilica «maior que o reino»<sup>(2)</sup>; a capella de S. Roque, uma preciosidade; o aqueducto, uma obra monumental

<sup>(1)</sup> «...o fraco por S. Francisco era de tal grão que assignava ao logar de auctor da sua Ordem Terceira.» {Oliv. Martins: História de Portugal, II, 152}.

<sup>(2)</sup> O. Martins: Ob. cit. - II, 154.

e a Academia de Historia iria lançal-o á for-  
 titude em enfeitados volumes encaderna-  
 dos, de bom papel de linho com gravuras em  
 aço. <sup>(1)</sup>

Era verdadeiramente um grande rei, um  
 rei magnifico, glorioso, de obra de grande  
 espectáculo...

A embaixada que mandou a Vienna d'  
 Austria para tratar do seu casamento com  
 a filha do imperador Leopoldo, foi uma causa  
 esganeada que admirou toda a gente.

O titulo de Fidelissimo, foi, imputado-lhe  
 á sua vaidade, para, como confessa Alexan-  
 dre de Gusmão «que lhe não levarsem van-  
 tagem os monarchas de France e Hespanha.» <sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup> «Estava-se ainda longe do critério de histó-  
 ria, gastando-se uma estéril erudição em mi-  
 nucias, confundindo principalmente os factos com  
 os individuos; as narrativas eram também greju-  
 dicadas pelas amplificações rhetoricas do mais  
 lygerbolico gongorico. Mas, era o estado dos es-  
 critos...» [Fr. Braga: Alexandre Lusitano, 02-03]

<sup>(2)</sup> D. P. Chagas: Obra. cit., VI, 275.

E assim foi; o Gregório Gusmão foi o intermediário e quem escolheu o título. Conheciam as negociações e chegou a haver dúvidas se a concessão devia ser feita por breve ou por bulla...<sup>(1)</sup>

O ouro correu, como sempre correu quando se queria alguma coisa: um cardeal recebeu um riquíssimo anel; outro um riquíssima bainella... e assim sucessivamente e de tal modo que em Roma aguçava-se o rei D. João V como mesuarcho modelo em toda a christandade!<sup>(2)</sup>

O que é verdade é que Benedicto XIV, a 21 de abril de 1749 concedeu finalmente ao rei de Portugal o direito de usar o título de Fidelissimus direito que ficaria para os seus successores, como realmente ficou.

<sup>(1)</sup> D. P. Chagas: *Obr. cit.*, VI, 275

<sup>(2)</sup> Lady Jackson, na sua descrição da "Garouza Lusitana" diz: «... em paga dos serviços prestados á igreja, recebeu D. João, do Papa Benedicto XIV o título de Fidelissimus...» [D. Garouza Lusitana]

Jose' Liberato chama - the «título estéril»<sup>(1)</sup>;  
 nós, chamar - the - heusos, com mais razão «tí-  
 tulo muito caro.»

O monarcha sentiu - se então feliz: tinha  
 tudo!

Os Anonymous e Ignorantes demonstra-  
 ram a evidência os nomes das suas academias  
 com as loas estufadas, sem graça; o rei, no fau-  
 to de que se ~~se~~ cercava sentiu - se feliz.

A igreja dominava; a igreja mandava; o  
 Grego D. Luis de Barcha o declara: «Portugal  
 é propriedade da Igreja»<sup>(2)</sup>; mas o rei, ouvindo  
 tocar os seus bellos carrinhos de Mapra, dentro  
 da igreja pungtiosa do grande monumento

[p. 251, trad.<sup>da</sup> de Camillo Castello-Branco] - Era gago  
 dos serviços e que para jogos históricos; será talvez  
 mais verdadeiro dizer que foi um gago do mu-  
 to ouro que correu por aquella fabrica que é  
 quasi um túnel de Davaides...

Assim ficará mais certo.

<sup>(1)</sup> J. L. Freire de Carvalho: Essay histórico-politi-  
co, 126

<sup>(2)</sup> Agud. O. Marbini: Hist.<sup>o</sup> de Portugal, II, 171.

no meio da clerezia garrambada com um luxo enorme<sup>(1)</sup> (que ainda hoje se lá vê) cercado de frades giedosos, sentia-se inmensamente feliz, orava ao seu S. Francisco de Assis e no seu bellissimo forte, quem sabe se esqueceria o retiro voludtuoso de Odivellas!

Os carrithões, lá fora, tocavam alegremente; os órgãos rebolavam zelas abobadas de marinho res ricos; o sol, entrando pela central ia fazer brilhar os riquissimos bordados dos garramentos; e o zovo babava-se perante tanto luxo!

Que era preciso mais para a felicidade do rei a quem, ha pouco, tinha sido dado o titulo de Fidelissimo?

(1) « O valor destes objectos (os garramentos) tão preciosos é desconhecido. Diz-se que D. João V ao en-  
" legal-os declarára que as alfaias lhe haviam cus-  
" tado tanto dinheiro como todo o edificio. Não sei;  
" mas não duvido... » [J. da Conceição Gomes: O  
" Monumento do Luafra, 113, (6ª ed<sup>ta</sup>)]. — « Nunca se  
" vira ogros tão estrondosos de murricas, tão brithau-  
" te de ouros, zedranias, luses, zungunas, zendas,

Do cirado do convento avistavam-se ao longe as mãos do Brazil que vinham carregadas de ouro, demandando tanto de segurancas; e o jesuita, humilde, via chegar nessas mãos o pau collaborador de força na derrocada em que ia o exglorioso throno erguido á custa do heroico mantimento do paulo beneditavel.

====

{15-IV-204}

Acda! » {O. Martins: Hist.<sup>ria</sup> de Portugal, II, 155}

Bibliographia: P. Chagas: História de Portugal, VI, cap. XV. — Oliveira Martins: História de Portugal, II, liv. VI, cap. IV. — J. L. Freire de Carvalho: Essay historico-politico, VI. — Panorama, IV, 156.

XVI

18 de agosto de 1812 = Smolensko.

Hoje, que nada valemos, que somos um povo enfraquecido e inútil, consolamos-nos em geral, lembrando as nossas passadas glórias. Seja assim...

Neste momento lembramos uma que é já mui to desconhecida mas que mostra quanto eramos capazes de fazer e quanto o nosso soldado foi sempre valeroso e audaz.

No exercito de Napoleão entrava como se sabe um grupo de regimentos Jartigueros que Junot mandára de cá para nos enfraquecer mais e que no grande exercito napoleônico foi conhecido pelo nome de legião Jartiguera — legião que soube levantar o nome do seu líder e tanto do próprio infame rador lhe confiar sempre missões espinho-

pas como aquella de que vamos tratar hoje.

X Embora em varias campanhas e desfe-  
nidas legiões; e quando Bonaparte decidin-  
do ariquilar a Russia juntou um poderoso  
nel exercito de 640:000 homens, no meio d'  
elles, obscuramente, marchavam os tres  
regimentos de infantaria e um de cavalla-  
ria de que elle se compozi, na forza apro-  
ximada de 6:000 homens.

O regimento n.º 1 era chamado d'elite e  
commandado pelo celebre coronel Francisco  
Freire Pego; o n.º 2 e n.º 3 eram respectivamente  
commandados por Candido José Xavier e  
Manuel de Castro Pereira do Mesquita; e a ca-  
vallaria estava sob as ordens do marechal de  
Loulé. Era um pequeno mas valioso auxi-  
liar do grande imperador, esse conjunto de  
homens.

Malgrado bem o patria: a título de os hon-  
rar, empregue-os nas situações difficeis das  
suas batallas, na certeza de que elles cumpri-  
riam leiosamente o seu dever; e mesmo



acrescenta Pinheiro Chagas: « as mães por-  
" tuguezas, sabia elle que lhe não pediriam con-  
" tas do sangue dos seus filhos. »<sup>(1)</sup>

O grande exercito aproximou-se de Truo-  
sia durante o mez de junho de 1812; come-  
çaram os combates em que os russos mostra-  
ram defender-se obstinadamente até que,  
nos meados de agosto, de no dia 17, o grande  
cuidador foy em frente de Smolensko,  
a famosa cidade russa que precisava captio-  
tar para continuar a campanha.

O rio Dnieger estava de jureis, ester-  
vando a passagem e não havia ponte. Para  
se lançar uma ponte era preciso fazer calar  
a artilheria inimiga e para se fazer calar a  
artilheria era necessario um grande sacrifi-  
cio.

Mas a coragem não via obstáculos. O pen-  
querer não admittia reflexões e deu ordem a  
cley, o grande marechal, o brave do bravos

<sup>(1)</sup> A Legião Portuguesa - cap. VII

que commandava o 3º corpo d'exercito, para lançar uma flotilla de barcos.

Esta foi a ordem, laconica, simples, pingula... Faltava cumprir-a e cumprir-se.

Ney tinha no seu corpo d'exercito os dois regimentos d'infanteria n.º 1 e 2 da nossa legião e para cumprir a ordem do Imperador lembrou-se de nós; « tinha pelos dois regimentos — diz uma testemunha ocular — a mais decidida estíma »<sup>(1)</sup> e como ali a gloria mostrava mais uma vez deu ordem ao 2º batalhão do 2º regimento para atravessar o Dnieper a nado e proteger o lançamento de flotilla de barcos.

O commandante do batalhão era o bravo Bernardino Antonio Moniz e a empresa era mais do que arriscada; mas cumprir a val-o ao fim sem desvantagem. Aquella qualidade de honras do occidente foi entre que se assim diser a decisão do grande

<sup>(1)</sup> Theodoris Banha: Agoutamentos para a his-

combate que o invaderador queria travar no dia seguinte.

Convidado bem no seu Zabel, o valente e temerário batão lançou-se a mão sob a fuzilaria dos russos; chegou á outra margem e ali occultou o futo onde devia aguar a extremidade de Zabel.

Em frente estavam as fortificações dos russos do onde vinha um chuveiro continuo de balas; do outro lado o grande exercito imperial e de Zensais a corrente do Dnieper.

A situação era desesperada; eley tinha-os enviados á morte infalivel...

Bernardino Antonio Moniz conheceu bem o risco; mas, não desanimando, falou ao batão na querida lingua portuguesa; e á bayoneta, cargo a cargo, desferia de morte, num ataque louco e formidavel, lançou-se contra as zimeiras fortificações dos russos, forçou os arrabaldes da formosa cidade.

Loria de Legião Portuguesa ... - 57.

de de Smolensko, lançou-lhes fogo e sob a admiração enorme do grande exercito fez recuar os defensores para dentro das suas fortissimas muralhas e torres « de 4:000 toesas de circumferencia! »<sup>(1)</sup>

Depois, serenamente, gostou-se reunir quinhentos á beira do rio e mandou dizer a Uey que a gente godia per lançada: os 30:000 defensores<sup>(2)</sup> de Smolensko não se abateriam a accommodar o Zygwen...

Esta accção de Bernardino Antonio Menin é memoravel. Um simples batalhão arrojar-se de encontro á guarnição de uma cidade bem defendida e sem ter a retirada bem conhecida é um acto verdadeiramente temerario e heroico que gode per considerado de loucura. Diz um historiadór francez:<sup>(3)</sup>

« mareschal Uey declarou no seu relatório que

<sup>(1)</sup> Ph. Barthe : *Obr. cit.* - 58

<sup>(2)</sup> Ph. Barthe : *Obr. cit.* - 58

<sup>(3)</sup> Gissot : *Précis ou histoire abrégée des guerres de la révolution* ... - II, 714.

" este ataque audacioso foi o feito d'armas de  
 " mais valor que elle vira em toda a sua vida  
 " de militar. »<sup>(1)</sup>

Depois, o exercito atravessou e no dia se-  
 quinte, 18 de agosto, entrou triumphante na ci-  
 dade que os russos tinham abandonado de-  
 pois de pouca resistencia.

Foram grandes as perdas que teve o batalhão  
 mas o que nunca devemos esquecer foi esse  
 heroico sacrificio que um grupo de homens

" (1) Este mesmo escriptor diz ainda: « Des notre  
 " affaire, l'un des faubourgs fut enlevé de vive  
 " force par un bataillon . . . . qui, s'étant élancé au  
 " pas de charge, rejeta dans leur retranchement  
 " quatre mil hommes protégés par des travaux et  
 " de l'artillerie. » [Obr. cit.: p. 714]

Bibliographia: Theodorico Baltho: Agulhonien-  
 los anos e historia da Legião Portuguesa ao serviço  
 de Napoleão — P. Chagas: A Legião Portuguesa, vol.  
 VII, nas "Memórias da história portuguesa" — Sezi-  
 pando Ribeiro Arthur: A Legião Portuguesa ao  
 serviço de Napoleão, p. 72-74 — Simot: Précis sur  
 l'histoire abrégée des guerres de la révolution fran-  
 çaise, II, 714 e seq.<sup>tes</sup> — Camillo Juncion: A Filha do  
 Polaco, romances. —

fez perante o grande e poderoso exercito do  
Imperador omnipotente para que em o mun-  
do inteiro era conhecido de mais.

=====

{10 - VIII - 904}

XVII

25 de agosto de 1580 = A Ponte de Alcau-  
tara.

« Seria ridiculo capitular de  
veteris a parafusca do jun-  
ta de Alcautara... »

Bruno: Portugal e a guerra  
das nações, 324

A dynastia de Aviz tão gloriosa e recente  
firmada em Aljubarrota pelo montante do he-  
roico condestavel, terminou ingloriosamente  
na pessoa desse cardeal que foi um rei efhe-  
mero, um rei miáo e um usurpado.

O monarca esgarhol espreitava a occasião:  
o ouro correu e em Portugal a honra mes-  
se tempo era uma coisa barata. A desordem  
reinau pelo paiz; a desgraça enfiára os  
animos daquelles que ainda ha pouco tinham  
sido os heroes de Deus e obrigava-os a esten-  
der a mão á esmola de Castella.

O prior do Brato, o filho do Infante D. Luiz, appareceu então, novo pueris para defender o reino, para subir ao throno e lançar para longe o poder de Castella, tal como, — ha uns dois seculos — o tinha feito um outro bardo. Luiz organizou um exercito que afinal veio a ser composto de fides armados, d'escravos libertos, de gente constrangida, d'aventureiros — e com elles resistiu ao duque d'Alba, velho soldado da Flandres, que tinha erigido pelo reino dentro e fortificado a villa de Satal. Mas a desordem, a confusão em que tudo estava, e a grogria loucura do Prior, nada deram de seguro, de estável.

Era tudo uma tolice; queria-se repetir a scena heroica do mestre d'Aviz que resistiu a Castella invadida; mas não se via a desgraça em que o prior estava, a pobreza, a falta de gente, a falta de sangue, a falta de honra, a falta de não haver «força bastante»<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> O. Martins: Hist. de Portugal, II, 70



"nem para robar!" O mais que poderia haver  
era « uma garodia » como disse Camillo <sup>(1)</sup>  
é pena de 1385, como de facto foi.

" Afirma Oliveira Martins que « o grito do  
brato não valia nem mais nem menos que o  
" Mestre d'Aviz » <sup>(2)</sup> e embora assim seja — no  
que não concordamos plenamente — as cir-  
cunstâncias é que eram outras.

Tramou em seu condestável o conde de  
Vimioso, « o folgazão D. Francisco de Portugal » <sup>(3)</sup>  
e tinha junto de si alguns outros fidalgos que  
pinceramente ou não, o acompanhavam.  
Com o seu indisciplinado exército de dez ou  
onse mil homens <sup>(4)</sup> tomou posição na man-  
gema esquerda do rio d'Alcântara, bem gen-  
to de Lisboa.

Venha de per! Ali se devia decidir quem  
ficaria ao leme deste pobre país!

<sup>(1)</sup> Camillo: D. Luis de Portugal, 117

<sup>(2)</sup> O. Martins: Hist. cit. - II, 71

<sup>(3)</sup> Camillo: ob. cit. 117

<sup>(4)</sup> P. B. Agas: Hist. de Portugal, IV, 376

O duque d'Alba avançava de Cascaes depois da travessia desde Setúbal, com segurança « como os enfermeiros quando rodeiam em círculo o louco varrido »<sup>(1)</sup> e vindo na sua frente, do outro lado do rio a hoste audaciosa do Prior, járou, tomou as suas disposições e esperou pelo dia seguinte, o dia 25 d'agosto, que lhe devia assegurar, em nome do rei das Hespanhas, a posse da formosa capital.

O mesmo duque viu a resistência que podia offerir um exercito como aquelle; e, depois de experimentado, fez durante a noite entrar primeiro em sobressalto a hoste de D. Antonio e o que lhe causou grande fadiga.

E quando rompeu a manhã, o Tejo foi testemunha de quanto pode descer um povo aviltado e corrompido: não se deu « gozadamente » uma batalha, foi o effeito d'uma onda fatal com um rioeiro de formigas tantas » — como confirma Oliveira Mar-

<sup>(1)</sup> O. Marquis: Hist. cit. — II, 74

lhos.<sup>(1)</sup> A visão do Prior, querendo restaurar o throno glorioso do Mestre d'Aviz, desfez-se como a nevoa do Tejo com o estrondo dos tiros d'artilleria — « senlha desgraçado e ridiculo! »<sup>(2)</sup>

O duque d'Alba, simulando um ataque á forte d'Alcantara que era a forte mais bem defendida das linhas de defeza, mandou tomar a direita enquanto que a esquadra que agiava a esquerda, jumbo á praia, se lhe entregava á traição, abandonando a defeza de Jativa contra o estrangeiro.

Combateram-se então; na forte, a felleja foi rija e forte. Ainda houve quem pousasse das duas esgadinhas suas em breve o movimento envolvente produziu o efeito e em pouco tudo fugia, desordenadamente, com javer, com medo!

- D. Antonio ainda se batia á frente d'um

<sup>(1)</sup> Elis. cit.º - II, 75

<sup>(2)</sup> Carrillo: obr. cit.º, 118.

grupo de cavalleiros<sup>(1)</sup>, matando, nenhuma esde-  
rança, talvez...

Mas em volta tudo fugia, nenhuma desordem  
louca; a esquadra cedera ás feitas que o duque  
profizer e foi só quando viu tudo isto que o  
Prinç, nenhum desespero, voltou o cavallo e nenhum  
galope fugiu, seguido do seu eschevoro con-  
destavel e d'ouros que se lhe conserváram  
fieis. Portugal, o velho Portugal que fôra á  
India e que venceu em Dien, ia ali, levado  
pelo lauro galopar daquelle cancel de batalha!

O duque entrou portanto em Lisboa e Fe-  
lize foi aclamado rei no ruído d'allegria de  
todos.

Portugal morreu. Ha pouco mais de  
dois meses tinha morrido tambem Luis de

<sup>(1)</sup>  
Vide P. Chagas: Hist. de Portugal, IV, 401  
Bibliographia: P. Chagas: Historia de Portugal  
IV, cap. 30 — Oliv. Martins: Historia de Portugal —  
liv. V, cap. IV — Gasparillo Castello Branco: D. Luis  
de Portugal (nota final) — Archivo Pittagorico,  
vol. V, nenhum artigo de Rebello de Silva: A batalha  
de Jante d'Alcantara, a pp. 41.

Camões miseravelmente; e os dois — a glo-  
 ria e o cantor — moveram juntos, como a  
 aventura audaz d'um desequilibrado, dois  
 seculos de gois de uma outra aventura de um  
 heroe. E Portugal, no zolgar furioso do car-  
 cel do Prior, desapareceu de vez, escolto  
 pela nevoa daquella formosa manhã d'agos-  
 to...

==

{19-VIII-904}

XVIII

8 de setembro de 1895 = Magul.

« O combate de Magul parece-  
rá antes um feito cavalleiroso  
do que uma operação strategi-  
ca. »

M. Gomes: A guerra d'Alrica  
em 1895 - p. 478

O combate de Magul veio, ha uns singlos  
nove annos, afirmar brilhantemente quan-  
to podemos, quanto podemos ainda capazes  
de fazer, embora para ali foleu esses jessi-  
vistas sem tero nem pombras de dignidade.

Mettidos puma formosa indiferença por  
tudo, sem animo para se par alguma jere-  
na causa, achamos que é melhor deixar cor-  
rer e realmente assim se tem feito.

Mas se for acaso algum paha desta afa-  
thia enorme, esse algum é logo agontado

como um acaso com grandes defeitos, como  
um doente e — sei lá! — como liebedo tal-  
vez!...

A nossa opinião publica é assim... Já  
não acreditamos em cousas boas!

Contudo, Magalhães veio provar o que pode-  
mos e o que podemos esperar de fazer. O faleci-  
do conselheiro Antonio Ennes dizia que « o  
"combate pareceu antes um feito cavalleiroso  
"do que uma operação estratégica » <sup>(1)</sup> e na ver-  
dade feitos feitos d'armas brancas tido tão  
gloriosos em terras africanas como este.

A guerra contra o celebre potentado Guay-  
quahama é muito conhecida de todos ainda  
que nas suas linhas gerais. O combate de  
Marragueue — caso curioso na historia da  
guerra — começára a dar no sentido africano  
a certeza de que as forças brancas para algu-  
mas cousas valiam e que a victoria não era cer-  
ta para o lado d'ellas. O celebre regulo tinha

<sup>(1)</sup> A guerra d'África em 1895 — Memorias — 438

um enorme poderio: «do Zambeze para o sul»  
 "falava-se do Gungunhana como de um deus"<sup>(1)</sup>  
 diz o citado escriptor nas suas Memoorias; o  
 seu exercito era de muitas dezenas de mil ho-  
 mens, valentes ainda assim, e possuidores de  
 muitas espingardas modernas; tinha a fama  
 pessoal d'um homem invencivel e invulne-  
 ravel.

É contra este verdadeiro potentado, mar-  
 chou do posto de Chieftain uma pequena  
 columna d'homens adontados, vingando ao  
 peso do equipamento, loucos de pede — que de-  
 via ir dar um combate glorioso e mostrar a  
 poder dos brancos perante a rebelião enorme  
 da provincia.

No dia 7 de setembro foi que sahio a colu-  
 na sob o commando do illustre official d'en-  
 genharia capitão France d'Audrade, e como  
 immediato, o brioso e valente official d'artilleria  
 o capitão Paiva Goncalves.

<sup>(1)</sup> D. Lames: Obes.<sup>2</sup> cit.<sup>2</sup> - 569



Era uma pequena columna: 221 praças d' infantaria, 8 de cavallaria, 30 d'artillaria que com algumas outras praças d'ouros perriços e com onze officios dava um total de 271 bravos!

De madrugada lá foi a columna para a sua marcha: atravessou o Jacomati e dirigio-se para um outro posto, o de Incoluane que defendia a passagem dum rio do mesmo nome; e no dia seguinte, de manhã cedo, partiu novamente a columna cuja marcha era alguma protegida pelos soldados de cavallaria.

A região é glauca toda; Paiva Couceiro descreve-a bem<sup>(1)</sup> e termina por dizer: « a região presta-se. » E quando todos extenuados pelo calor enorme, abastidos pela sede, julgaram ver agua a certa distancia, a cavallaria certificou-se de que na orla dum grande bosque em frente, uma grande « massa inerte »<sup>(2)</sup> os enganou e que a agua era dum enorme pantano.

<sup>(1)</sup> Campainha das tropas portuguezas em Lourenço Marques e Inhambane em 1894-95. - Pg. 86

<sup>(2)</sup> Campainha cit. - 86

O combate tinha de se dar, mas o inimigo manteve-se em frente, silenciosamente, e sentou-se tranquillo, á espera.

O sol era ardente, a sede cada vez maior; a demora tornava-se insuportavel; e Freire d'Andrade para resolver a situação mandou a cavallaria em frente á frente e cercando umas arvores isoladas e com arame farjado, deu alguma segurança á nossa gente que, formada em quadrado com 3 fileiras e uma metralhadora em cada angulo, esperava firme e valerosamente o ataque.

Por fim resolveram-se; aproximaram-se... o ataque pronunciou-se!

Treze ruangas, isto é, cerca de 6000 homens atacaram o pequeno quadrado que no meio da planície, brilhante pelas bayonetadas «faria a vista de um jumento aflorando no angulo do mar.»<sup>(1)</sup>

Aproximaram-se muito; queriam d'um

<sup>(1)</sup> J. Gomes: Obs. cit.º, 430

avanzo cahir sobre o quadrado e esmagal-o, dobral-o á força curvada do regulo de Giza; mas o tiro feito com firmeza e correccão obrigava-os a escauder-se, a abrigar-se e a não se exporem em terreno aberto. (1)

O fumo encubria de quando a quando tudo, em frente; mandava-se tocar a cessar-fogo para se ver o que ia na frente de cada foz e então o inimigo, valentemente, arrojava-se com força d'encontro aos nossos honras, com muita furia. Mas o fogo continuava e elles cahiam successivamente.

Assim foi o combate; a multidão d'inimigos viu que se não podia aproximar e a fozco e fozco começou a abandonar o campo, levando os cadaveres dos seus.

No pequeno reduto d'honras, jaziam os

(1)  
 « Os primeiros tiros cahiram exantanos,  
 " com uma crispada nervosa do dedo sobre o gatilho.  
 " Mas logo a voz serena de Freire d'Audrade, ordenou:  
 " — Deixem-nos chegar mais perto. » {Eduardo

cadáveres de cinco valentes: um pargento e quatro soldados. Havia muitos feridos e entre elles o bravo capitão Couceiro.

Esta victoria foi adregada aos quatro cantos das terras do Gungunhana; e se lhe mostrava que nós o sabiamos e todiamos vencer, mostrava tambem aos indifferentes de cá que essa exultante victoria é uma prova de que nós podemos fazer mais alguma coisa alem de jogar no Chiado e escrever asueiras nos jornaes...

[14-VIII-904]

Waronha: Recordações do campaigno contra o Gungunhana, II: Um desafio cavalheiresco, no n.º 19 dos Serões (1907). } É um artigo muito interessante sobre o combate de Maguel. [Nota em jan.º 911].

Bibliographia: Antonio Couras: A Guerra d'África em 1895, Memorias, vol. X - A Campaigno das Tropas Portuguezas em Lourenço Marques e Sabaucaue, vol.º Maguel, feito pelo official d'artillaria Faires Couceiro, a pag. 48 e seg.º - Antonio Augusto J.º: Victorias d'África, vol.º XII - E. Waronha: art.º no n.º 19 dos Serões (1907), a pag. 24.

XIX

4 de fevereiro de 1844 = A revolta de  
Terras Novas.

« Enquanto todo o corpo de  
Portugal se agitava convulsivo,  
somente a cabeça parecia mor-  
ta. Nem um signal de colera... »

Edgard Quinet: Revolutiones  
em Portugal, 243

Desde que em Porto, em agosto de 1820, um  
grupo de liberais levantou o grito de revolta  
contra o absolutismo, seguiu-se um periodo  
agitado de revoluções maiores ou menores, de  
pronunciamentos militares, que veio a acabar  
tarde. Entre essas revoltas, aparece-nos na his-  
tória, a revolta de Terras Novas, em 1844, contra  
o governo de Costa Cabral, então no poder.

Depois de varios acontecimentos que se re-  
quiram á convenção de Évora Moura, era pro-

clausura em 10 de Janeiro de 1842 a restauração da Carta com a formação do ministério em que entrava o duque da Terceira, Mouzinho d'Albuquerque, e José Jorge Loureiro e para o qual entraram, passados dias, Costa Cabral, Camargo, o barão do Tojal e Mello e Carvalho.

A política, porém, deste ministério não agradou. O seu característico era «a energia levada a extremos de despotismo» diz Pinheiro Chagas<sup>(1)</sup> e atribue-se esta feição ao facto de pertencer a elle o celebre ministro Antonio Bernardo de Costa Cabral, depois cede de Thomas e que se tornou muito ambicioso ao fazê-lo.

Costa Cabral era um velho; honroso talento, viu bem que a espora era para não ser. Da aldeia em que nasceu, na Beira, ambicionou o mais alto cargo a que se pode chegar. O ambigão foi o seu constante esboço.

Energico, forte, mostrando a rudeza natural da sua aldeia, não reunia grandes recursos

<sup>(1)</sup> Historia de Portugal, VIII, 548

quando amigáveis completamente um adversário que tivesse a desgraça de se lhe ofender. O seu olhar turvo, denotava bem a sua índole violenta.

O seu José d'Arriaga, retratando-o, diz:  
 «realizou-se em Costa-Cabral o anexim Jofular: quem quer conhecer o vilão e Jof-lhe a na  
 " na na mão ... »<sup>(1)</sup>

O ministério tinha de receber, portanto, a sua influencia; e assim se começou a formar uma grande opposição que o combaterá fortemente.

Quando D. Maria II fez uma viagem ao Alentejo, em outubro de 1843, as camaras de Évora e Faro representaram energicamente contra o caminho que as cousas iam tomando. No parlamento lucbou-se; no jornalismo tambem. As camaras d'Évora chegaram a dizer á rainha na representação: «vem submissa e  
 " regeitosa mente publicar a Vossa Magestade,

<sup>(1)</sup> Hist. da Revolução de setembro, III, 352

" haja por bem demittir o actual ministerio, fa-  
 " zendo-o substituir por honreiros que mereçam  
 " a confiança de Vossa Magestade, mas que sejam  
 " igualmente dignos da estima e consideração  
 " do Sr. D. D. » <sup>(1)</sup>

Mas os protestos de nada valeram; os meus  
 legaes não perhiram.

Recorreu-se portanto ao das armas que d'  
 esta vez não foi dos de mais sorte. <sup>(2)</sup>

O que é verdade é que a 4 de fevereiro de  
 1844 levantou-se o grito de revolta nesta villa  
 de Torres Novas. Antonio Cesar de Vasconcel-  
 los e o grande orador José Estevam collocaram-  
 se á frente do movimento que foi começado  
 pelo regimento de cavalleria & então aquartil-  
 lado aqui. <sup>(3)</sup>

<sup>(1)</sup> No Constitucional, 5212

<sup>(2)</sup> « Educado desde largos annos na tradição dos  
 " pronunciamentos, o exercito era, portanto, como  
 " que uma colação dos partidos: uns parte, armados,  
 " das clienelas. » [O. Martins: Portugal contemporá-  
 naneo, liv. V, II, 2.]

<sup>(3)</sup> Isto era publicado no Jornal Torrejano.



Desta villa dirigiram-se para Castello Branco; o regimento d'infanteria 12 uniu-se-lhes; e no dia 9, esquadras 1, na Guarda, revoltou-se e veio juntar-se aos rebelvados.

Juntos, os tres regimentos marcharam sobre o Alentejo, mas voltaram de novo para o norte; e depois do conde de Bonfim ter tomado o seu commando, foram para a Alcaims onde este general fez uma proclamação.

De Alcaims passaram á Guarda; da Guarda á Almeida onde chegaram a 21, formando a revolta pelo faziz; e assim foi tomando a revolta umas certas profenções que era necessario, para segurança do governo, aniquilar com força.

José Estevam, com a sua extraordinaria energia, era o alma da insurreição que ia tomando: o seu alvismo militar, a sua figura insinuante, influenciam-se; e se a revolução não venceu, foi certamente por pouca base.

De Lisboa foi mandado organizar um cor-

ço de operações, com mandado pelo marechal de campo visconde da Fonte Nova; conjunção de 3 brigadas de infantaria, 1 brigada de cavallaria e duas baterias de artilharia.

Em Jacuê tendo, a maior parte das forças fôr cerco a Almeida; lá dentro a resistência foi enorme e José Estevam conseguiu fugir da graça, para cá fôr organizar o levantamento de guerrilhas com o fim não só de auxiliar os rebeldes mas de fazer alastrar o movimento insurreccional.<sup>(1)</sup>

Mas a verdade é que o Jacuê não carregou deus ao desejo do grande tribuno.

Dentro da graça estava o conde de Bauxim que, quer como politico, quer como militar, não era um auxiliar seguro. « Era um "jastelero com muitas insiguias e galões militares » diz o sr. Arriaga;<sup>(2)</sup> e tudo junto

<sup>(1)</sup> Ver A Coalizão, de 1844, no num.º 62 de julho, no 4.º tomo.

<sup>(2)</sup> Na obr. cit.º - III, 354. E' talvez uma das graças exageradas deste escriptor.

fez com que a revolução que principiára com  
força, em terras novas, fosse acabar em menos  
de tres meses, como a agitação d'Almeida  
em 28 de abril.<sup>(1)</sup>

Os soldados entregaram as armas dentro  
da graça e desfilaram de joelhos perante as forças  
vencedoras; e o conde de Balthazar e os officiaes  
regruaram emigrados para Hespanha.

O mau-estar do rei, porém, continuou;  
a ideia de uma revolução ficou latente e em

<sup>(1)</sup>  
Em 23 de junho de 1844, José Estevam, refugiado  
em Cadiz, escreveu a Garrett o seguinte: «os  
homens que mandaram em Almeida eram mui-  
to inferiores á situação em que se viram — e mui-  
to superiores aos seus concilios d'outras partes.  
Estes farto de andar a todo o cadaveres» (Alfred  
Phoogh. Braga: Garrett e os dramas românticos,  
407) [coto em 15-II-911].

Bibliographia: P. Chagas: Historia de Portugal,  
VIII, cap. .. — Barbosa Colen: Historia de Portugal,  
III, cap. 2.º no seg.º — Mariaga: Historia da revolução  
de setembro, III, cap. II do liv. 13. — Pinho Leal: Portu-  
gal antigo e moderno, I, 146 — Comunicacao,  
n.º 5212 e 5213 — O. Martins: Portugal Constitucional,  
II, 176. — Ph. Braga: Garrett e os dramas ro-

breve, dentro de dois annos, a revolta levantou-se então mais poderosa e mais forte — a de Maria do Fonte — estendendo-se por todo o Portugal.

==

{ 29 - I - 904 }

manuscritos, 403, 407, 435, 451, 507 (nota) — Silva Antunes:  
Consolidação da legislação geral militar, 185 e mg.

XX

2 de junho de 1823 = A campanha da  
Joazeira.

«Muitas intrigas, muitas au-  
bições, muitas traições, jogos tí-  
picos e muitos dignidade: eis as  
causas que produziram a fuga de  
na Villa-Franca...»

Alzotamentos para a vida de  
um homem obscuro. - 60

É vulgarmente conhecido pelo nome de  
campanha ou jornada do Joazeiro, o movimento  
que deu lugar á queda do regime liberal de  
1820, para de novo se proclamar o governo abso-  
luto do D. João VI, em Villa-Franca de Xira.

A generosa iniciativa e boa vontade dos libe-  
raes campanheiros de Fernandes Thomaz se  
deve a revolução do Porto e o período que se  
seguiu de reformas e medidas uteis para o

foi que chegara á maior das decadências. Ao seu entusiasmo sincero se deve aquelle período de vida e activação que ainda conseguiu ter o Jovo Jantuguez, cansado de tanta lucta, quasi morto por tantos trabalhos.

A liberdade abriu novos horizontes e regava esses generosos liberais que ingenuamente talvez quizessem ver « um novo Portugal ou uma segunda convenção. »<sup>(1)</sup>

Mas a reacção egaricana em pouco tempo; o partido contrario tinha muita força e não podia deixar de combatter.

Além disto, a constituição de 1822 não agradou; o clero via o seu poder anulado e a nobreza os seus privilegios por terra; era necessario pois restaurar o antigo regime...

Fernandes Thomaz morreu em novembro de 1822 e a sua morte foi uma grande perda para o partido; « era, diz Pinheiro Chagas<sup>(2)</sup>

(1)

O. Marquês: Hist. de Portugal, II, 252

(2)

História de Portugal - VIII, 222

de todos os chefes do partido exaltado, o que tinha  
 " mais bom senso, e o que se mostrava mais ho-  
 " nreem do governo. »

Tudo isto junto contribuiu para a queda do  
 regime liberal e o conde d'Albuquerque começou  
 em Três-ões-Montes a tarefa da restauração do  
 absolutismo. Em maio de 1823, em Villa-Réal,  
 levantou elle o estandarte da revolta e fez uma  
 proclamação áquelles que se lhe vieram unir  
 para combater « os monstros e peccilejos despo-  
 " tas » como elle proprio dizia.

Vencido Jacaré, no ponto d'Albuquerque por  
 Luis do Rego refugiou-se em Brelhaubis; e Do-  
 drigo da Fonseca foi mandado pacificar a provin-  
 cia apesar do partido realista in mostrando es-  
 da vez mais força e influencia.

D. João VI em Lisboa, observava os aconteci-  
 mentos, tremendo, esperando a cada momento  
 a sorte que cabia ao desgraçado Luiz XVI. Os

(1) Proclamação do conde d'Albuquerque, cit. em P.  
 Chagas: Historia cit. 2, VIII, 226.

revoltas não eram o seu forte... e para conter  
 Garibaldi na sua seduzente palácio, chegou a vestir  
 o uniforme de paragona de guarda nacional! <sup>(1)</sup>

Quando o garbido realista trabalhava e no  
 dia 26 de maio, em Villa-Franca, o regimento  
 de infantaria n.º 23 que tinha sido mandado  
 para Almeida por causa da sua inclinação à  
 causa realista, tomou a resolução de fazer e  
 declarar-se abertamente, dando vivas ao rei  
 absoluto.

Foi o começo da villa-francada.

D. Miguel Garibaldi logo em segredo, de Lis-  
 boa, e foi para Villa-Franca colocar-se à frente  
 dos revoltosos; em Lisboa as câmaras não se en-  
 tendiam e no dia 30, quasi toda a guar-  
 ção de Lisboa Garibaldi para se apresentar ao Im-  
 perador.

D. João VI proclamou ao povo <sup>(2)</sup> que «pale-  
 rio Junier seu filho como rei, assim como o

<sup>(1)</sup> P. Chagas: Hist. de Portugal, VIII, 227

<sup>(2)</sup> Proclamação de 30 de maio, atribuída a José